

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

**A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA EM
TERRITÓRIOS DE VULNERABILIDADE**

ANGÉLICA COSTA BARRETO

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA EM TERRITÓRIOS
DE VULNERABILIDADE**

ANGÉLICA COSTA BARRETO

Sob a Orientação do Professora

Dra. Sandra Maria Nascimento de Mattos

Dissertação submetida como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação no Programa de
Pós-Graduação em Educação Agrícola.
Área de Concentração em Educação
Agrícola.

Seropédica, RJ
Maio 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B274e BARRETO, ANGÉLICA COSTA , 1991-
A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA EM TERRITÓRIOS
DE VULNERABILIDADE / ANGÉLICA COSTA BARRETO. -
Seropédica, 2024.
49 f.: il.

Orientadora: Sandra Maria Nascimento de Mattos.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação
Agrícola, 2024.

1. Educação libertadora. 2. Criminalidade. 3.
Território. 4. Políticas Públicas. I. Mattos, Sandra
Maria Nascimento de , 1958-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós
Graduação em Educação Agrícola III. Título.

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance

Code 001”



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA



HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 39/2024 - DeptM (12.28.01.00.00.00.63)

Nº do Protocolo: 23083.025173/2024-49

Seropédica-RJ, 24 de maio de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Angélica Costa Barreto

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 24/05/2024

Sandra Maria Nascimento de Mattos

Orientadora, Dr.(a) SME

Eulina Coutinho Silva do Nascimento

Membro interno, Dr.(a) UFRRJ

Darlane Cristina Maciel Saraiva

Membro externo, Dr. (a) IFAM

(Assinado digitalmente em 24/05/2024 20:11)
EULINA COUTINHO SILVA DO NASCIMENTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptM (12.28.01.00.00.00.63)
Matrícula: ####873#8

(Assinado digitalmente em 25/05/2024 07:46)
SANDRA MARIA NASCIMENTO DE MATTOS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ####.###.407-##

(Assinado digitalmente em 25/05/2024 09:05)
DARLANE CRISTINA MACIEL SARAIVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ####.###.802-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **39**, ano: **2024**, tipo: **HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**, data de emissão: **24/05/2024** e o código de verificação: **446272dc41**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha rede de apoio que me permitiu chegar até aqui. Em especial meu esposo, meu filho e minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui. Agradeço a minha mãe por ter sempre me incentivado a dar continuidade aos meus estudos. Sempre aluna de escola pública, com poucos recursos, eu tinha o mais importante, o amor da minha mãe pelos estudos e foi ela, que não passou da quarta série do fundamental I, que nunca me deixou desistir. Sempre me incentivando por muitas vezes de muito longe, orando e abençoando todos os meus passos. Tenho em minha memória o que ela sempre me diz “estuda filha, porque esse sempre foi meu sonho e eu não tive oportunidade, então vá em frente e não para”. Hoje agradeço imensamente todas as vezes que ela me ajudou nas minhas decisões, porque senão com certeza eu não estaria aqui.

Só agradecer por todo apoio. Também não posso deixar de agradecer em especial ao meu esposo que a alguns anos faz parte da minha vida e apoia incansavelmente para eu nunca desistir. Durante todo o período do mestrado passei por várias situações que me abalaram e que me fizeram pensar em desistir, mas com muito apoio, principalmente dele, eu estou aqui. Neste percurso encontrei pessoas que se tornaram minha rede de apoio, colegas, professores, orientadores e família. Então, agradeço a cada um que fez isso ser possível acontecer.

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatisados pelo mundo.” (FREIRE, 1981, p. 39).

RESUMO

BARRETO, Angélica Costa. **A educação como prática libertadora em Territórios de vulnerabilidade.** 2024. 49f. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2024.

A presente pesquisa teve como objetivo mapear a atuação da Educação como Prática Libertadora em Territórios de Vulnerabilidade no estado do Rio de Janeiro, mas com um foco nas regiões onde a criminalidade atua de forma reiterada, mais especificamente na região da zona norte e baixada fluminense, onde se concentram as maiores operações de policiais militares, observando o que estas ações podem desencadear na vida de sujeitos pertencentes a estes territórios considerados de segregação espacial e educacional. Diante disso, é identificado o papel da educação na vida dos sujeitos, principalmente os mais vulneráveis socialmente. Assim, trazendo para complementação do nosso diálogo uma pesquisa de campo em uma escola que nos permitiu dialogar como a educação diferenciada e quais as ferramentas esta escola pública de uma cidade como a do Rio de Janeiro utiliza para diminuir o impacto que a violência urbana causa na vida dos alunos e seus familiares. Contextualizando as atuações das políticas públicas, políticas educacionais e a segurança pública nos territórios onde a criminalidade atua de forma agressiva impossibilitando a educação libertadora atuar de forma transformadora na sociedade. Partindo da metodologia estudo de caso que nos permitiu visualizar a real situação da localidade foi aplicado como instrumento a observação e entrevistas. Buscou-se trazer os conceitos de uma educação que liberta e que busca promover uma pedagogia diferenciada na vida das pessoas, atuando de forma que transforme a vida dos sujeitos e os torne protagonistas de suas próprias histórias.

Palavras chaves: Educação libertadora. Criminalidade. Território. Políticas Públicas.

ABSTRACT

BARRETO, Angélica Costa. **Education as a liberating practice in territories of vulnerability.** 2024. 49p. Dissertation (Master's in Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2024.

The present research aimed to map the role of Education as a Liberating Practice in Vulnerable Territories in the state of Rio de Janeiro, but with a focus on regions where crime acts repeatedly, more specifically in the region of the north zone and Baixada Fluminense, where the largest military police operations are concentrated, observing what these actions can trigger in the lives of subjects belonging to these territories considered to be of spatial and educational segregation. In view of this, the role of education in the lives of individuals is identified, especially the most socially vulnerable. Thus, bringing to complement our dialogue field research in a school that allowed us to discuss how differentiated education and what tools this public school in a city like Rio de Janeiro uses to reduce the impact that urban violence causes on lives of students and their families. Contextualizing the actions of public policies, educational policies and public security in territories where crime acts aggressively, making it impossible for liberating education to act in a transformative way in society. Starting from the case study methodology that allowed us to visualize the real situation of the locality, observation and interviews were applied as instruments. We sought to bring the concepts of an education that liberates and seeks to promote a differentiated pedagogy in people's lives, acting in a way that transforms the lives of subjects and makes them protagonists of their own stories.

Keywords: Liberating education. Crime. Territory. Public policy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de divisão Regional do Estado do Rio de Janeiro.....	10
Figura 2: Segregação socioespacial.....	12
Figura 3 – Segurança Pública	17
Figura 4 – Negros e pardos são mortos mais vezes do que brancos no RJ	21
Figura 5 – Fachada da Escola.....	26
Figura 6 – Interior da escola	27
Figura 7 – Colaboratório	29
Figura 8 – Confecções de engenharia com materiais recicláveis	30
Figura 8 – Aula sobre aproveitamento de resíduos de alimentos.....	38
Figuras 9 e 10 - Aula sobre reconstrução da horta escolar	38

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

- GGE-RJ/SPE**- Grupo Estadual do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas no Rio de Janeiro
- SEBRAE** – Serviço de Apoio as Micros e Pequena Empresa do Estado do Rio de Janeiro
- ENCEJA** – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- PPGEA**- Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola
- UFRRJ**- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ISP** – Instituto de Segurança de Segurança Pública
- RMRJ** – Região Metropolitana do Rio de Janeiro
- LEC** – Licenciatura em Educação do Campo
- IHA** – Instituto Municipal Helena Antipoff
- SME** – Secretaria Municipal de Educação
- GET**- Ginásio Experimental Tecnológico
- EJA** – Educação de Jovens e Adultos
- PNE** – Plano Nacional da Educação
- CES** – Centro de Ensino Supletivo
- ERJ** – Estado Rio de Janeiro

SUMARIO

A TRAJETORIA ACADEMICA DA “MENINA DA ROÇA”	1
1 INTRODUÇAO	1
2 ESTADO DA ARTE.....	3
2.1 A Educaçao Libertadora como uma Ferramenta de Pensamento Crítico	3
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
3.1 Grupos pertencentes à espaços com segregação social	10
3.2 A educação libertadora como ação transformadora.....	12
4 CRIME E TERRITÓRIO: A ATUAÇAO DO ESTADO NAS OPERAÇOES MILITARES.....	17
4.1 Classes Sociais e Justiça Social	20
4.2 Intervenção das Políticas Públicas em Territórios de Vulnerabilidades Sociais.....	21
5 METODOLOGIA DA PESQUISA	24
5.1 Caracterização da pesquisa.....	25
5.2 Caracterização dos Sujeitos e o <i>Lócus</i> do Estudo.....	28
5.3 Conhecendo a Escola.....	28
5.4 Procedimentos e instrumentos da pesquisa	30
6 DISCUSSÕES E RESULTADOS	33
6.1 A Educação e as novas formas de educar – Ginásio Experimental Tecnológico	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
8 REFERÊNCIAS	42
9 apêndice	44
Apêndice A – Roteiro Para Entrevista com o Diretor e um Professor(a) da Escola	45
10 anexos.....	46
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE.....	47
Anexo B – Termo de Anuênciia Institucional – TAI	48

A TRAJETORIA ACADEMICA DA “MENINA DA ROÇA”

Nascida na zona rural de uma cidade do interior do sul do estado do Espírito Santo, chamada Mimoso do Sul, filha de pequenos agricultores, mãe e estudante. Com uma vida humilde e cheia de planos, sempre na “lida” em nosso pequeno sítio. Juntamente com meus pais cresci e aprendi muitas das maiores riquezas que posso hoje que é a minha educação, é de onde tiro toda a minha força para continuar acreditando sempre nas nossas transformações. Iniciei meus estudos aos 6 anos na escolinha multisseriada na comunidade Termópilas, escola multisseriada funciona em alguns locais com pedagogias diferentes, neste caso em uma escola na zona rural com uma pedagogia onde 4 séries estão em uma única sala, e no caso da escola onde eu estudava era 1 e 2 no mesmo quadro e 3 e 4 em outro. Era uma escola pequena que tinha 1, 2, 3 e 4 série da educação infantil. A escola funcionava com 4 turminhas e tinha uma professora que trafegava de moto 12 km de Mimoso até Termópilas, de segunda a sexta para nos ensinar.

No fim do ano da 4 série tive que ir estudar na cidade, pois na comunidade não tinha turma do fundamental. Os primeiros anos da quinta a oitava série, íamos eu e mais alguns colegas de carro para escola, carro esse, que era um caminhão de carroceria com bancos de madeira para podermos chegar à cidade. Claramente em dias de chuva não íamos a escola. Ou em alguns momentos como me lembro bem, a chuva apanhava a gente na estrada no caminho de volta e como são praticamente 12 km de subida de serra, o carreteiro deixava a gente ali a pé e acabávamos de subir até chegar em nossas casas. Mas a gente amava tudo aquilo, nada estava ruim, tudo era uma diversão só.

Quando eu trago para esta história o título entre aspas A Menina da Roça é porque na época, como algumas vezes chegava na escola cheia de barro ou poeira, eu era constantemente “zoada”, mais conhecido hoje como (bullying) como A Menina da Roça. Na época me lembro bem que em alguns momentos isso me afetava diretamente e em outros não. Nunca tive vergonha de ser da roça, o que me deixava mal era ver que eu e meus colegas da mesma comunidade éramos tratados como se fossemos de outra espécie. Sabe, é uma vivência que eu jamais esquecerei. Hoje tenho muito orgulho do que um dia eu fui e do que hoje me transformei. Ficaram só lembranças boas desta época e que agora me permite estar aqui escrevendo minha dissertação.

No ensino médio passei por duas escolas, uma que me levou pra longe da minha família para estudar um curso técnico em Agropecuária o que acabou não sendo finalizado por questões psicológicas, sendo assim acelerei minha formação e na época fiz o CES (CENTRO DE ENSINO SUPLETIVO) em Bom Jesus do Itabapoana, RJ onde morei um ano com minha tia para pegar logo meu diploma e arranjar um emprego, já que na época era o que os jovens da minha cidade buscavam e comigo não foi diferente. Bernardes explica que:

Inicialmente o CES (Centro de Ensino Supletivo) foi concebido para ter eu funcionamento diferente das escolas convencionais, já que traz em si a ideia de uma escola aberta, com condições para atender alunos que iniciem o curso em qualquer período do ano, em horários favoráveis aos mesmos, sem obrigatoriedade de frequência. O CES trabalha tanto com o atendimento a distância como com o presencial. Os alunos inicialmente se dirigem ao centro, matricula-se a princípio em no máximo duas disciplinas e recebem os módulos das matérias escolhidas. Este módulo devem ser estudados e, caso ocorra alguma dúvida, o aluno deve se dirigir ao CES para tentar saná-la através do atendimento do professor da disciplina. (Bernardes, 2007, p. 1)

Trabalhei por alguns anos e em 2014 tive a oportunidade de prestar o vestibular para UFRRJ (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO) no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) e neste mesmo ano iniciei minha graduação. Só me lembro da felicidade da minha família ao descobrir que a filha tinha conseguido ingressar em uma universidade, e uma universidade Federal. Então, já dá para imaginar o orgulho da minha mãe. Sai novamente da casa dos meus pais em busca da vida acadêmica. Sai de lá com uma mala e um sonho que também não era só meu em fazer uma faculdade. Meus pais não tinham condições de me ajudar financeiramente com nada.

Durante um período tive ajuda de alguns familiares para conseguir me manter na universidade. Depois de um tempo, como somos agricultores e nossa fonte de renda é o café, minha mãe colhia, torrava, moía e preparava tudo pra quando eu voltasse em casa de ônibus interestadual buscar e vender para professores e colegas na faculdade e assim me manter, e foi assim que me mantive durante aproximadamente 4 anos. Como o curso funcionava na pedagogia da alternância, isso me promoveu estar sempre com minha família nos cuidados e na colheita da nossa principal e única fonte de renda.

Neste percurso de 2014 a 2021 me desconstruí, me qualifiquei, cresci academicamente e conheci muitas realidades, muitas vivências, muitos povos e muita gente, dentre elas o meu atual esposo que em 2019 nos casamos e hoje temos um filho com 4 anos. Com isso, devido as oportunidades que foram surgindo e por meu esposo ser natural daqui do Rio de Janeiro, resolvi morar aqui e foi aí que muitas transformações aconteceram, principalmente para a minha adaptação.

Em novembro de 2021, logo após terminar minha graduação, resolvi me inscrever no concurso do PPEGEA (PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRICOLA) na UFRRJ, com uma proposta de projeto de pesquisa voltada para o empoderamento da mulher agricultora, mas depois de uma conversa com a minha orientadora resolvemos trocar o tema da pesquisa para Educação Transformadora em Território de Vulnerabilidade. Um dos principais motivos para ter essa mudança foi a relação que fiz com as minhas dificuldades em dar continuidade aos meus estudos e a atuação da educação nestes territórios da cidade do Rio de Janeiro. Achei importante trazer este relato do meu percurso até aqui, porque ter mudado de tema de pesquisa, de empoderamento feminino para educação transformadora, muitos foram os caminhos percorridos para me despertar a necessidade de conhecer e entender como funciona outros espaços, outras realidades.

Venho de uma realidade onde um dos principais agentes da evasão escolar seja o acesso até escolas, muitas das vezes por conta das estradas que são de barro, e o trabalho da agricultura familiar que acaba tirando o jovem da escola para atuar no campo, e dentre outras coisas. Neste sentido tive um impacto muito grande em relação os caminhos da educação em diferentes territórios, o que acabou me gerando uma necessidade de entender mais estes outros territórios

Achei importante trazer este texto de apresentação com a abordagem de como se deu esta pesquisa e o porquê do interesse de pesquisar, analisar e dialogar com autores que trazem este tema da educação transformadora para a sociedade. Pesquisa realizada por uma pequena agricultora que possui uma cultura extremamente diferente do que foi encontrado durante a pesquisa. Uma das questões que mais me chamou atenção para a pesquisa foi o fato de ter vivido toda a minha vida acadêmica sem saber o que acontecia nas grandes cidades, e porque a busca por uma educação técnica sempre foi o que eu mais ouvia falar, uma educação que te trouxesse o jovem para o mercado de trabalho. Comigo foi e está sendo um pouco diferente, a educação teve

o poder de mudar minha vida, me desconstruir, me reconstruir, conhecer novas culturas e me fortalecer através das grandes aprendizagens que obtive.

Quando na minha adolescência eu acreditava que possuía pouco recursos para estar inserida na educação pública, hoje com a oportunidade de estar em campo de pesquisa vivendo e acompanhando outras realidades, entendo a grande disputa de entrada no mercado de trabalho de jovens cada vez mais jovens, e o quanto esta realidade social permite que o jovem principalmente de territórios de criminalidade busque logo sua inserção no mercado de trabalho. Sendo assim, a pesquisa se deu por uma procura de entender o poder que a educação possui em transformar vidas, independentemente da cultura, etnia ou religião. Eu estou aqui por ser um exemplo da transformação que a educação pode trazer para cada sujeito. A “Menina da Roça já venceu”

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre o crescimento da criminalidade e o tráfico de drogas nas grandes cidades. Neste sentido, traremos para esta pesquisa o impacto que a criminalidade possui na atuação da educação nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, localizado na região sudeste do país e considerado uns dos mais belos estados do Brasil e do mundo. Trazendo para a diálogo autores que buscam nos permitir entender como um estado tão rico de belezas naturais e de uma economia turística enorme possuem em maior parte da cidade uma educação pública segregada pelo auto indicie de criminalidade nas regiões com maior número de população vulneráveis do estado.

A proposta da pesquisa foi nos permitir entender o papel que o estado possui na educação como uma ferramenta pedagógica potencializadora da liberdade e da autonomia destas populações. A pesquisa teve como foco encontrar pontos de violência que existem nestas regiões e que afetam diretamente a população destas comunidades. Buscando entender o público que estamos acessando nas nossas escolas e quem são os formadores da educação que possuem a responsabilidade de trazer esses jovens e crianças para o caminho da pedagogia educacional. Seguindo também quais os principais impactos que a violência urbana pode e causa na vida social destes sujeitos e o aumento cada vez maior da segregação espacial destas regiões. Dando ênfase nas regiões da zona norte, oeste e baixada fluminense, onde se concentram majoritariamente a grande massa trabalhadora do estado.

Uma das características da pesquisa foi buscar de que forma a educação pode se tornar uma prática libertadora. Neste sentido focamos no Estado do Rio de Janeiro por ser um estado com grande divisão de classe social. A classe trabalhadora que reside em regiões em que existe a maior concentração de operações militares, muitas delas causando mortes de inocentes, fechamentos de escolas, entre outros transtornos sociais. Sendo assim, buscamos identificar o papel da educação como prática libertadora e de que forma ela pode transformar a vida de crianças e jovens que vivem nestas comunidades periféricas e que convivem com a violência urbana no seu dia a dia. Identificamos como aspecto principal a atuação das políticas públicas e a importância da educação como ferramenta de inclusão de crianças e jovens periféricos na sociedade. Mapeamos as dificuldades e possibilidades de transformação nos espaços em que se encontra a maior atuação do crime organizado.

Trazemos também o potencial destas regiões que são dominadas pelo tráfico e de que maneira se constrói o pertencimento local, a autonomia e fortalecimento da identidade, observando o papel das operações militares e o que estas ações podem desencadear nestes ambientes de vulnerabilidade social. Para fomentar a nossa pesquisa trazemos algumas entrevistas feitas com o diretor e um professor de uma escola pública municipal do Rio de Janeiro que fica localizada na zona norte do estado, mas precisamente no bairro Ricardo de Albuquerque que nos permitiu observar a realidade das escolas principalmente as públicas com o grande avanço da violência urbana no estado. A zona norte é responsável por grande parte das operações militares que acontecem nas comunidades com o intuito de frenar o grande avanço da violência urbana.

Diante disso, para o desenvolvimento da pesquisa trazemos no segundo capítulo o Estado da Arte, em que foi possível perceber que existem pouquíssimos trabalhos de pesquisa os quais tratam dos territórios de vulnerabilidade e avanço da criminalidade, relacionado a Educação como prática libertadora. Ainda, neste capítulo apresentamos a educação

libertadora como ferramenta para o desenvolvimento do pensamento crítico. No terceiro capítulo trazemos o embasamento teórico que fundamenta as análises e resultados desta pesquisa.

Portanto, abrimos esse capítulo abordando a educação no Brasil, em seu percurso histórico e de desenvolvimento com foco mais para a atualidades de nosso país, ou seja, final do século XX e início do século XXI. Ainda neste capítulo é apresentado as características do estado do Rio de Janeiro, tais grupos e espaços pertencente ou situados em espaços de segregação urbana e socioespacial. Outro recorte que fazemos é trazer a educação como prática transformadora da realidade em as crianças e jovens residem.

No quarto capítulo entramos como a atuação das polícias em operações militares para combater a criminalidade, mas que acaba prejudicando a população que vive na periferia. Se afirmamos, isto é, porque acontece alguns incidentes com alguns moradores, os quais podem levar ao risco de morte, bem como invasão às residências e truculências desses policiais, aspectos quase sempre noticiado em jornais pela televisão ou pela internet. Trazemos, ainda, a intervenção das políticas públicas como estratégia para minimizar os prejuízos ocorridos pela vulnerabilidade local.

No quinto capítulo apresentamos a metodologia de pesquisa, o contexto em que a pesquisa foi realizada e os nossos colaboradores de pesquisa. Portanto, trazemos o estudo de caso como abordagem metodológica, já que foi utilizada apenas uma escola da região. Fazemos, ainda, um percurso nas dependências da escola, detalhando-os. Por ser um GET, a escola tem equipamentos outros, os quais ainda não existem em escolas regulares do município, como é o caso do espaço colaboratório. Abordamos também os instrumentos de pesquisa, os quais foram a observação e entrevistas com nossos colaboradores. No sexto capítulo trazemos nossas análises e discussões para alcançarmos nossos resultados de pesquisa, para tanto, apresentamos detalhadamente as respostas obtidas nas entrevistas realizadas. E, por fim, no sétimo capítulo, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

2 ESTADO DA ARTE

Neste capítulo abordaremos os principais conceitos e diálogos realizados a partir de autores e pesquisadores que discutem a educação libertadora nos territórios de vulnerabilidade social, e a atuação e papel das políticas públicas nestes espaços. Pesquisas feitas em diferentes contextos históricos, mas que abordam a educação como um dos principais pilares na diminuição da segregação espacial e territorial que vem acontecendo na contemporaneidade.

Quando falamos de educação libertadora nos territórios de vulnerabilidade social encontramos pesquisas feitas em diversos espaços, porém, para entendermos melhor de que território estamos falando, trago autores que realizaram estas pesquisas principalmente em comunidades periféricas onde a violência urbana tem crescido de forma gradativa, e com isso gerando um aumento alarmante na perda de uma educação de qualidade nestes espaços.

Para encontrarmos algumas destas pesquisas buscamos o portal de periódicos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – CAPES, com o objetivo de encontrarmos as pesquisas relacionadas a educação como prática libertadora nestes espaços de violência urbana. Buscando também identificar os grupos que acessam estas escolas. Nesta temática encontramos pesquisas que abordam a educação libertadora e de que forma ela atua na vida dos jovens, mesmo em diferentes espaços sociais.

Com os descritores “educação libertadora” AND “violência” foram encontrados 14 trabalhos, dos quais oito (8) não tratavam efetivamente a respeito que é foco desse trabalho. Dos seis restantes, dois trabalhos abordavam violência sexual, dois sobre violência escolar, um sobre socio-educação e outro sobre não-violência. Com descritores “educação libertadora” AND “violência urbana” não houve ocorrência de trabalhos. Com os descritores “educação libertadora” AND “vulnerabilidade social” só houve uma ocorrência a qual tratava de medidas socioeducativas para adolescentes. Com os descritores “educação libertadora” AND “criminalidade” apareceram dois trabalhos, os quais abordavam sobre ação docente em penitenciária e o outro sobre violência sexual. Com os três descritores “educação libertadora” AND “vulnerabilidade social” AND “criminalidade” não houve ocorrência de trabalhos.

Diante da quase ausência de trabalhos desenvolvidos sobre a violência urbana e a criminalidade social, aliadas a educação libertadora, optamos por apresentar trabalhos, os quais poderíamos aproveitar algum resultado. Essa escolha baseou-se em políticas públicas: Oliveira (2007) e Botelho (2020) que também aborda educação libertadora; Nunes (1998) que traz a educação libertadora e; Lima (2016) que aborda sobre vulnerabilidade social.

Os autores citados a seguir trazem pensamentos correlacionados em relação ao papel da educação libertadora, das políticas públicas e os sujeitos pertencentes a elas nos espaços educacionais. Foram encontrados em maior parte, dissertações e teses mais atuais e que abordam os principais objetos de apoio a educação pedagógica em comunidades periféricas.

2.1 A Educação Libertadora como uma Ferramenta de Pensamento Crítico

Inicialmente encontramos na dissertação de mestrado de Oliveira uma abordagem as políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes que nos permite diagnosticar se as políticas públicas estão atuando para o futuro da nossa sociedade. Oliveira (2007) nos diz que

Quando se escreve sobre política social voltada à educação e seus benefícios é de praxe colocar-se a frase: “esta política tem como pressuposto o resgate da cidadania...” Mas de fato, o que é educar para a cidadania?

O que Oliveira (2007) nos faz pensar a partir da fala que traz em sua dissertação, é que sim, as políticas públicas têm o seu papel perante a sociedade, porém quem são os sujeitos que estão sendo assistidos por ela e de que forma elas estão atuando nestes territórios de vulnerabilidade e que depende muito da contribuição também da população para as implementações das intervenções das políticas públicas e do Estado. A pesquisa nos revela a grande desigualdade existencial que nos acerca na sociedade com as divisões de classes. A educação se torna uma grande aliada das transformações da sociedade. A pesquisa da autora da dissertação traz muito para nosso entendimento de como educação libertadora contribui para os aspectos sociais da nossa sociedade, para isso a autora nos traz muito sobre a educação de Paulo Freire, a educação que liberta, que nos faz pensar e nos permite enxergar muito além dos muros da escola.

Quando trazemos Oliveira com a importância e o papel das Políticas Públicas na educação e para a sociedade, encontramos também Botelho (2020) que na sua dissertação vem abordando as principais características da educação libertadora na vida e no cotidiano da sociedade, sociedade essa, que conseguimos identificar a grande defasagem dos agentes de apoio nos mais amplos aspectos, seja ela, educacional ou social.

Botelho (2020) nos permite observar em sua dissertação que é possível através da educação deixarmos de ser o objeto da sociedade e através dela nos tornarmos seres pensantes e com críticas ao sistema. Quando falamos de educação libertadora, acreditamos na construção de sujeitos que sejam sim críticos a realidade que os impunham, produzindo ideias e caminhos para tornar a realidade da sociedade principalmente de comunidades e periferias cada vez mais protagonistas de suas histórias. E quando trazemos para nosso diálogo autores que acreditam na educação libertadora como uma grande ferramenta de autonomia e liberdade, conseguimos nos fortalecer frente ao poder público. Botelho (2020, p. 129) ainda nos fala que

Uma educação onde acontece o diálogo, a presença e o encontro, que se volta para a inclusão de todos, na luta pela igualdade e contra todo tipo de discriminação, exclusão ou falta de direitos de pessoas, grupos ou classes sociais. Importa na comunidade o que as pessoas fazem, sua atuação e todas devem ser respeitadas, quaisquer que sejam sua etnia, raça, religião, classe social, gênero, orientação sexual ou deficiência, que todos (as) as temos!

O autor traz em seu texto a importância da educação em um contexto geral de grupos sociais, mas enfatizando a educação libertadora como uma importante ferramenta para o crescimento da cidadania e o quanto ela é importante para o fortalecimento e o pensamento crítico, o que hoje sabemos o quanto é importante com a realidade das atuais conjunturas governamentais estarmos claros aos nossos direitos como cidadãs e enquanto sociedade.

Ainda nesta temática de educação libertadora encontramos também Nunes (1998) que nos traz uma abordagem da educação de forma clara e que permite contextualizar a educação pedagógica nas escolas e suas perspectivas. A pesquisa da autora foi realizada a mais de duas décadas e neste contexto já era uma questão social tão quanto importante como é atualmente. Ela traz a educação libertadora como uma ferramenta de ação transformadora nas realidades

atuais. Nunes (1998) ainda nos afirma que a Educação Libertadora assume um projeto para a sociedade, não significa que este projeto deva ser proposto ou imposto como único para toda a sociedade. “A concepção de uma sociedade plural passa, exatamente, pela diversidade de formas de se concretizar, de se organizar a própria sociedade, isto é, passa pela existência de diversos projetos sociais. A diversidade de projetos manifesta-se pela diversidade de fins que eles têm ou dos meios de que se valem para concretizar os fins” (Nunes, 1998, p. 48). A autora traz em seu texto grandes questões de problematização quando ela afirma para nós que a educação ela vai além de uma tendência pedagógica, não se reduz a uma metodologia, muito menos a um modismo educacional.

Isso nos faz pensar que quando falamos de educação de qualidade, estamos falando de uma sociedade, de grupos sociais específicos. Até porque, como muito nos é possível observar, a educação no nosso país vive um lugar de grande divisão de classes sociais. A educação sim, é um direito de todos, porém de que educação é essa, de que pedagogia educacional estas escolas estão trabalhando para torná-la de qualidade e um direito e um acesso de todos.

Como uma das propostas da pesquisa é entender o papel da educação libertadora nos espaços educacionais, localizados em territórios de vulnerabilidade social, buscamos trazer para a discussão autores que conceituem a vulnerabilidade social para compreendermos os sujeitos pertencentes a ela. Para tanto, recorremos a Lima (2016) que comprehende “Vulnerabilidade Social como todo o espectro de fatores que incidem sobre o território causando algum tipo de exclusão ou iniquidade social. Para que possam ser identificados e analisados é necessário categorizar todos esses fatores em dimensões, Vulnerabilidade da População e Vulnerabilidade do Lugar” (Lima, 2016, p. 31).

O autor ainda exemplifica as duas dimensões da vulnerabilidade: A da População e a do Lugar. A Vulnerabilidade da População que consiste nas características da condição social, educação, renda, saúde e ciclos da vida e a da Vulnerabilidade do Lugar tais como moradia, vizinhança e estruturas públicas. Neste sentido entendemos quem são os principais tocados pela vulnerabilidade social, pontuando as condições e as principais características destes territórios que é onde o Estado pode atuar de maneira geral para a melhoria destes espaços. Porém, não é o que conseguimos encontrar nas análises documentais que foram feitas para esta pesquisa, muito ainda se precisa de melhorias nas assistências que o Estado fornece para os grupos pertencentes a vulnerabilidade social.

A vulnerabilidade social dos espaços vai desencadeando também a exclusão social de trabalhos, cultura e lazer. Quando relacionamos a vulnerabilidade social a educação é por se entender que a educação ela transforma a vida e realidades de pessoas, principalmente quando trazemos realidades de sujeitos que vivem diariamente em constantes guerras do tráfico que acaba atingindo primeiramente o sistema educacional quando as escolas precisam ser fechadas e as locomoções dos trabalhadores que precisam se descolar em meio aos confrontos para chegar aos seus locais de trabalho. Então, quando Lima nos revela a grande questão que se estabelece entre as diferentes vulnerabilidades sociais, nos permite pensar nestes territórios e nestes sujeitos. Os autores citados anteriormente possuem uma união de pensamentos sobre a importância da educação libertadora nos espaços educacionais, sendo ela uma importante ferramenta da criação de pensamentos críticos que acaba sendo um avanço nas conquistas dos direitos sociais que todos possuem enquanto cidadãos. Uma educação necessária imediata, mas que não isola todas as outras formas de educar. Os autores possuem uma correlação entre a principal fonte de pensamento que é o nosso grande

pensador e idealizador da educação Paulo Freire, que nos permite desmitificar a ideia de que a educação seja uma ferramenta de adentrar no mercado de trabalho, mas que ela também nos permite tornarmos protagonistas das nossas relações, principalmente em relação aos nossos direitos e deveres.

Os autores nos permitiram entender que a ideia de educação de qualidade e libertadora está nos espaços que nela são permitidos. Existe uma grande exclusão social nos locais de vulnerabilidades, tanto para a população quanto para o território. As pesquisas com os autores nos mostram que a população mais vulnerável da nossa sociedade vem cada vez mais sofrendo tanto com o aumento da criminalidade quanto com a grande segregação espacial destes territórios. A educação de qualidade e igualitária para estes territórios pode trazer uma esperança de qualidade de vida, seguindo do ponto em que a educação libertadora pode transformar realidades.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, abordaremos um pouco mais sobre a educação no Brasil, em especial a educação libertadora, mas sem deixar de trazer a importância da educação como um todo para a sociedade. Para falarmos da educação no Brasil precisamos entender seus processos históricos, para enfim, chegar ao diálogo do que ela vem se transformando e transformando a sociedade. Neste sentido, buscamos problematizar a educação em todos os aspectos, principalmente os sociais que é onde a educação se torna o maior determinante de que sujeitos estamos formando e quem são seus formadores. Segundo Michelato e Rodrigues (2023, p.4) a

Educação no Brasil é garantida pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF/1988). No seu artigo 6º, estão garantidos os direitos sociais relacionados à educação, entre outros elementos fundamentais para o progresso da sociedade brasileira. Essa garantia visa promover o Bem-Estar Social e consolidar o Estado Democrático de Direito. O artigo 7º destaca os direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, com foco na melhoria das suas condições sociais.

Sabendo que a educação básica é um direito de todos, buscamos entender nesta pesquisa os principais aspectos que levam o Brasil ainda possuir uma grande massa da população fora das escolas e também as grandes evasões escolares ainda existentes. Recorremos a autores que nos apresentem as propostas dos sistemas educacionais brasileiros. Assim, encontramos Gomes (2019) que nos diz que, a Educação básica é o caminho para assegurar a todos os brasileiros a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Atualmente, os documentos que norteiam a educação básica são a Lei n 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica e o Plano Nacional de Educação (PNE) (Gomes, 2019, p.35).

O Plano Nacional de Educação (PNE) teve sua origem no governo Goulart em 1962 e de lá para cá passou por várias versões sancionadas. Os mais recentes foram de 2001 e 2014, Gomes (2019) ainda nos diz que

Lei n 10.172 de 09 de janeiro de 2001, sancionado pelo Congresso Nacional em 2001, estabeleceu metas para a educação no Brasil com duração de dez anos que garantisse, entre muitos outros avanços, a elevação global do nível de escolaridade da população, a melhoria de qualidade de ensino em todos os níveis, a redução das desigualdades sociais e regionais, a ampliação do atendimento na Educação Infantil, no Ensino Médio e no Superior. O PNE, tal como foi concebido, previu uma reavaliação de suas metas em cinco anos. Umas das mais importantes metas da PNE no que tange o Ensino Médio é a garantia de acesso de todos aqueles que concluam o Ensino Fundamental em idade regular no prazo de três anos, a partir do ano de sua promulgação. (Gomes, 2019, p35).

O Plano mais atual no Brasil é o de 25 de junho de 2014 que foi sancionada a Lei 13.005 da (PNE) Plano Nacional da Educação 2014/2024 com a proposta emergencial que busca uma diminuição do analfabetismo e a luta pelas desigualdades. E que podemos dizer que os dois estão interligados socialmente, pois é claramente perceptível o quanto a desigualdade social influencia no analfabetismo brasileiro. Quando a educação básica no Brasil se torna um direito de todos, entendemos que o ensino superior continua para aqueles que possuem acesso e meios de adentrar no sistema educacional superior.

Após análises documentais feitas para a construção desta pesquisa, observamos as grandes problemáticas existentes no campo da educação e as grandes defasagens que existe ainda hoje e que poderiam ser claramente solucionadas ou pelo menos amenizadas se houvesse um maior interesse do poder público em diminuir os grandes obstáculos que permitem que ainda não exista uma educação igualitária e que acesse a todas as classes. Mas para isso, o poder público permitiria que a educação se tornasse amplamente uma ação transformadora e que nos maiores casos romperia a alienação que possui frente a população.

Mesmo com as leis brasileiras que garantem acesso à educação para todos, ainda estamos longe de estabelecer uma educação de qualidade para todos. Para Nunes (1998) que diz que mesmo a Educação sendo um direito assegurado legalmente e se fazer presente nas reivindicações dos movimentos sociais, o próprio Estado, que contraditoriamente declara este “direito de todos, propõe um ensino elitista, seletivo e excludente, fazendo com que este direito não ultrapasse os limites teóricos formais das políticas de governo (Nunes, 1998, p.88). Sabemos que o Brasil possui uma grande quantidade de escolas e universidades de qualidade e que possuem um ensino funcional, mas infelizmente estamos longe de ser exemplo de acesso a todas as diversidades na educação. Atravessamos todos os dias no nosso país por situações de desigualdades sociais, e nas escolas não é diferente. Infelizmente ainda temos muitas questões a serem trabalhadas e melhoradas, e a educação é caminho mais provável para esta transformação da sociedade.

No Brasil, existe muitas formas de educar, somos um país miscigenado com muitas culturas e com várias forma de ensinar, transformar e realizar. Atualmente a educação está sim mais acessível para alguns territórios ou grupos sociais, mas a questão aqui neste texto a ser tratada, é de que educação estamos tendo acesso? De que forma ela se manifesta e como ela pode transformar a realidade principalmente da classe menos favorecida? Por isso a pesquisa tem um foco principal os territórios de vulnerabilidades sociais, que claramente é perceptível onde possui a maior degradação da educação, para isso buscamos entender quais são os motivos pertinentes que aumentam cada vez mais esta realidade.

Quando falamos em transformar não é a transformação de bem material, do avanço do capitalismo e sim de transformar mentes, construir sujeitos que entendam os seus direitos, assim como seus deveres perante a uma sociedade. Mas que também diminua essas divisões de classes, essa discriminação e esse preconceito que vive e revive na nossa sociedade.

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais. (Freire, 1987, p.59).

A educação ele nos permite viver em sociedade, harmonicamente com as pessoas, os ambientes e a natureza. Com isso buscamos identificar os sujeitos pertencentes a estes espaços vulneráveis e quais são seus maiores desafios para incluir a educação de forma transformadora na sua realidade. Para tanto recorremos a análise de territórios que são dominados pela criminalidade e consequentemente os que possuem as maiores segregações sociais. Quando analisamos a educação no Brasil partimos da relação do professor aluno, aluno escola, escola e família. Os territórios vulneráveis socialmente trazem além das

normalidades do dia a dia, também os percalços para se inserir na sociedade sem serem discriminados pela condição social, etnia e religião.

“Historicamente a educação também é bandeira de luta de movimentos sociais e grupos organizados que manifestam e buscam o direito à educação como direito social essencial que a priori deve ser garantido pelo Estado.” (Moura, 2020, p. 98).

Para melhor entendimento dos resultados desta pesquisa traremos gráficos e imagens que nos permitiram entender com um pouco mais clareza o quanto vem avançando as evasões escolares nas escolas das regiões dominadas pela criminalidade e o quanto essa realidade afeta a vida de uma sociedade em geral. Traremos para exemplo de pesquisa o estado do Rio de Janeiro, por ser um estado que possui um aumento cada vez maior em relação a violência urbana decorrente do grande volume do tráfico de drogas no estado. O Rio de Janeiro é composto por muitas comunidades periféricas que são conhecidas mundialmente pela sua vulnerabilidade social e o tráfico, principalmente na Cidade do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, pertencentes a região metropolitana do Estado, como podemos observar na Figura 1. Na imagem é exibido o Estado do Rio de Janeiro dividido por regiões, as quais estão na legenda e são apresentadas por cores, bem como há o fracionamento dessas regiões em municípios.

**MAPA DE DIVISÃO REGIONAL DO GGE-RJ/SPE
ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

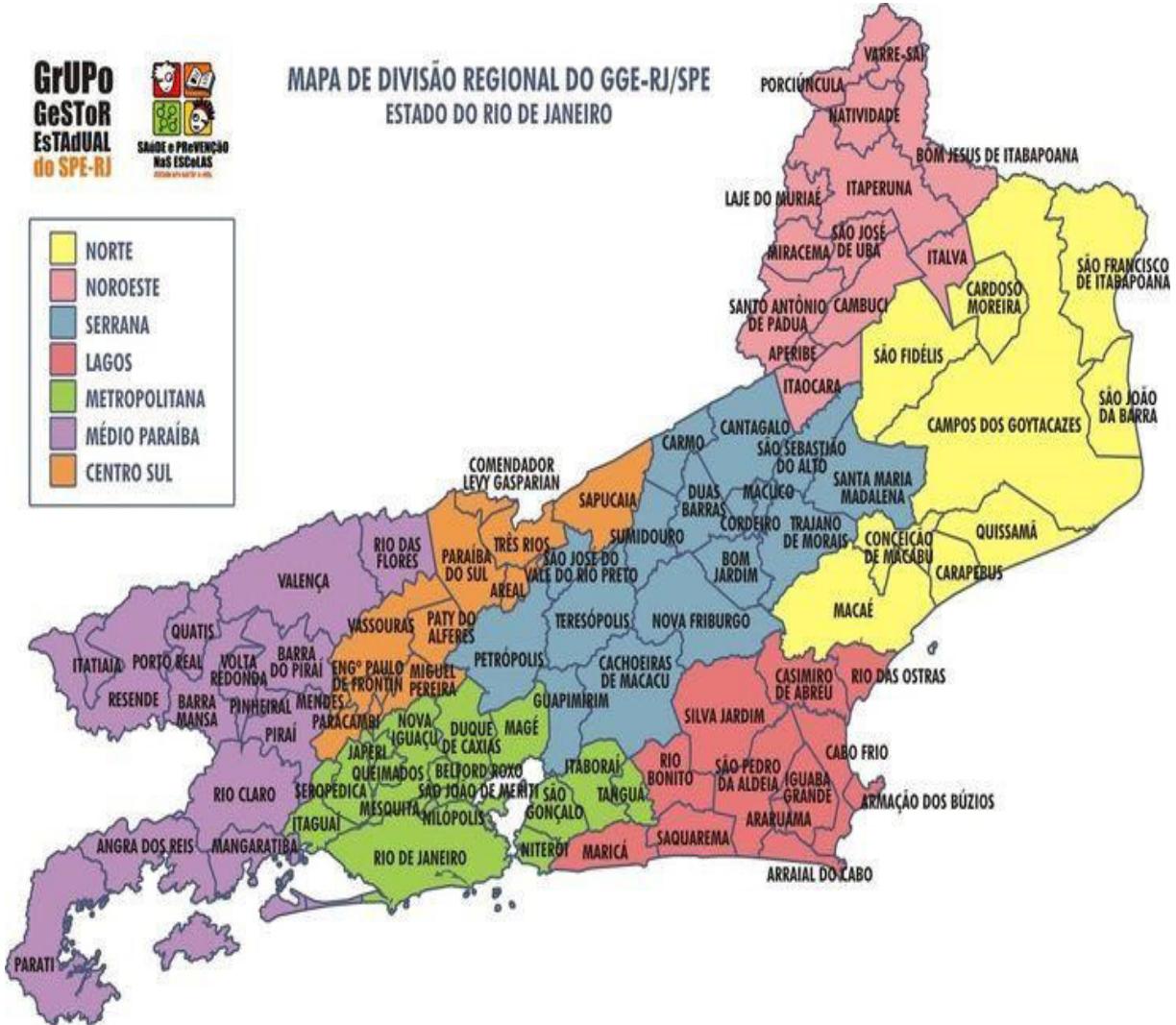


Figura 1 – Mapa de divisão Regional do Estado do Rio de Janeiro
 Fonte - Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/323414816961723291/>

O Rio de Janeiro é um estado entendido popularmente como populoso em relação a quantidade de cidades e população pertencentes a ele, segundo o último censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022 constatou que o Rio de Janeiro possui 6.211.223 habitantes em todo o estado, com escolaridade de 6 a 14 anos 96% estão nas escolas. A região mais pontuada na nossa pesquisa é a metropolitana onde se concentra a maior parte das comunidades dominadas pela criminalidade e consequentemente as mais vulneráveis do estado.

3.1 Grupos pertencentes à espaços com segregação social

Para fomentar a nossa pesquisa buscamos trazer para o nosso diálogo autores que nos permitiram entender o que é a segregação socioespacial pode trazer para a realidade dos

grupos pertencentes a territórios de vulnerabilidades sociais. Quando buscamos mapear as regiões que possui os maiores índices de aumento do tráfico e da invasão da milícia, encontramos os territórios que hoje possuem a maior segregação espacial do estado do Rio de Janeiro.

Para Lago (2015) o impacto espacial da tendência à dualização da estrutura social seria, num extremo, a apropriação cada vez mais exclusiva dos espaços mais valorizados pelas funções ligadas ao consumo e à moradia de luxo e, no outro, a conformação de espaços exclusivos da pobreza (Lago, 2015, p. 14). Sendo assim, podemos afirmar quais são os locais de apropriação de luxo do estado do Rio e os espaços da pobreza. O Rio tem um ditado bem conhecido entre a poluição que diz o seguinte: “Baixada fluminense é o dormitório do Rio” (autor desconhecido). Este dito nos faz observar que, o estado Rio de Janeiro é conhecido pelas suas belezas, turismo impecável com grandes festas culturais, esporte, lazer, praias maravilhosas e outros.

A região da baixada fluminense no Rio de Janeiro possui muitos municípios e que são bem próximos em suas características sociais, tanto para população, violência e educação. Segundo o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro – SEBRAE (2015) a baixada fluminense é dividida em Baixada I e II, sendo a Baixada I composta pelos municípios Belford Roxo, Itaguaí, Japeri, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados e Seropédica e a Baixada II compostas pelos municípios Duque de Caxias, Guapimirim, Magé e São João de Meriti. (SEBRAE/RJ, 2015, p. 5). Todos com características muitas próximas como qualidade de vida, espaço territorial e dentre outros.

Mas o ponto que nos chama atenção na frase de que a baixada fluminense é o dormitório do Rio é exatamente por haver este dormitório que o Rio, se mantém como um dos estados mais turísticos do Brasil se não, do mundo. Para existir e manter todo esse glamour que a cidade do Rio possui é preciso uma grande mão de obra barata, e de onde ela vem? Da baixada, ou das regiões mais pobres do estado. E de forma isso ocorre? Uma das razões é com a evasão escolar cada vez mais frequente entre os sujeitos pertencentes a estes lugares, e que se tornam a mão de obra barata.

Mas, um grande agente desta problemática silenciada é o Estado, que “congela” o acesso a uma educação de qualidade e produz cada vez mais um “bloqueio” de oportunidades para todos.

Ainda, segundo o senso do SEBRAE (2015) a Baixada Fluminense I possui 13% da população total do Estado do Rio de Janeiro (ERJ); e a II, 10%. A densidade demográfica dessas regiões é a maior do estado, inferior apenas à da cidade do Rio de Janeiro (5.266 hab/km²). (SEBRAE/RJ, 2015, p.5). Os municípios da baixada fluminense citados acima possuem diversas atuações da educação. Dentre os citados acima temos escolas públicas municipais, estaduais, federais, escolas do campo e particulares. Sendo algumas delas com grandes propostas educacionais pedagógicas e outras que possuem uma ação com algumas precariedades.

O Rio possui muitas escolas renomadas com ensino de excelente qualidade, mas estamos aqui para enfatizar quem são os frequentadores destas escolas, quais são os públicos que possuem esse acesso? Durante a nossa pesquisa encontramos um fator determinante para a grande defasagem educacional que existe nas regiões afetadas pela criminalidade. Os grupos que frequentam as escolas de bairros próximos ou de dentro das comunidades são os filhos dos trabalhadores que atuam na zona Sul, que trabalham para o crescimento do turismo, consequentemente da economia do estado.

A segregação socioespacial (Figura 2) dos territórios possui um aumento gradativo nas últimas décadas. As fotos a seguir são conhecidas na internet quando tentarmos trazer um exemplo do que essa segregação produz e quem são os principais atingidos pela desigualdade existencial no nosso país.



Figura 2: Segregação socioespacial

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/segregacao>

Estas imagens permitem-nos observar e analisar o que acontece em nosso país, havendo grande discrepâncias entre as comunidades. O Rio de Janeiro configura-se exatamente neste modelo de cidade. A desigualdade social que existe em nosso país e principalmente em cidades como o Rio de Janeiro são evidentemente percebidas. Quando discutimos sobre desigualdade e falta de oportunidades não estamos falando somente da educação que é a base da nossa sociedade e é onde toda realidade pode se transformar, por meio dela. Mas existe também todas as outras questões sociais como, moradia, saúde e lazer, todos são de alguma maneira afetados pela grande divisão de classes existente no Brasil.

Quando abordamos que o Estado congela as oportunidades o exemplo disso é esta imagem. Porque o sistema ele depende da mão de obra barata, da alienação da população para ter os sujeitos que permitem que o rico fique cada vez mais rico. E quando se dá a oportunidade igual para todos, uma educação de qualidade, o que gera são sujeitos com ações que podem transformar as realidades e oportunidades e que não se permitem estar neste lugar de alienação. Sendo assim, é perceptível o que as políticas públicas e os governos com seu poder fazem com a população. Podando cada vez mais as oportunidades de igualdade entre as relações, o que permite estarmos sempre vivendo uma luta diária para transformar a realidade social.

3.2 A educação libertadora como ação transformadora

Para contextualizar a educação no Brasil, partimos do ponto que ela deveria estar no campo de discursões mais necessárias nos programas de políticas públicas, e nas propostas parlamentares e políticas sociais do nosso país, mas infelizmente não está, e a proposta principal deste texto é trazer o quanto isso pode afetar os grupos sociais mais vulneráveis da nossa sociedade. A educação sem dúvidas é a base principal de toda nossa existência e percebemos o quanto ela é importante e necessária. Assim entendendo, trazemos para a discussão a educação que liberta e que proporciona a possibilidade de mudanças na vida dos

sujeitos. A proposta de trazermos a educação libertadora para esta conversa, é principalmente entender quais são suas principais ações e os públicos que são mais assistidos por ela.

Freire (1970) ensina-nos muito sobre os caminhos da educação libertadora na transformação dos indivíduos em seres pensantes que, como sujeito problematizador, insurgente e reexistente pode interferir nas políticas públicas e educacionais com suas ações dialógicas e críticas. Quando trazemos para a discursão um território dominado pela violência e criminalidade o cenário educacional piora, já que abre espaços em que o ensino e a aprendizagem tornem-se deficitários. Oliveira (2007, p. 16) diz que

O eixo da Educação Libertadora é a busca da construção de novas relações, tendo em vista a construção de sujeitos históricos. Fazer opção pela Educação Libertadora é comprometer-se com a transformação social, através de um projeto político-pedagógico de resistência ao modelo vigente em nossa sociedade. Em nível de sistema escolar, é proporcionar espaço de discussão, reflexão e participação de todos, direta ou indiretamente envolvidos no processo.

A educação libertadora é transformadora desviando-se do assistencialismo, atuando na transitividade crítica que leva a uma educação dialógica, ativa, voltada para a responsabilidade social e política, características essas de uma educação voltada para a interpretação dos problemas na tentativa de resolvê-los. É aqui que essa educação revela a verdadeira democracia, permitindo aos silenciados falarem, aos invisibilizados aparecerem e aos relegados assumirem seus lugares de direito.

A prática educativa libertadora se recusa ao ensino bancário. À escola cabe o dever de “não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, discutir a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (Freire, 1996, p.33).

Nas escolas há democratização da cultura e não partejamos sociocultural. Há, ainda, conscientização crítica pela integração com a sociedade que está inserida. Há o diálogo contra o antidialógico. As escolas são, portanto, espaços amorosos e esperançosos, porque promovem a insurgência, a luta e a resistências daqueles que estão nas comunidades envolventes.

Compreendemos que não pode haver uma formação para educador de escola particular e uma para educador de escola pública e de periferia com territórios dominados pela criminalidade, já que entendemos que a formação dos professores é global, é complexa, mas há a necessidade de adequar-se a localidade em que atua. Mattos (2020a, p. 13) coaduna com essa necessidade quando nos afirma que não é essencial somente a busca de recursos ou técnicas inovadoras, mas de ter “[...] um novo olhar para os aspectos que são relegados na maioria dos cursos de formação de professores”. São esses aspectos que envolvem, por implicação, a criminalidade na cidade do Rio de Janeiro.

Quando trazemos Freire (2015) para nosso diálogo, é exatamente para fazer-nos pensar quem são e quais são os professores que estamos formando para atuar em todas as esferas educacionais. Refletir de que pedagogia estamos falando e de que forma esta didática pedagógica pode interferir também no futuro de crianças e adolescentes. Se a educação como ação transformadora da sociedade é um caminho para mudança, existe um déficit das ações governamentais na formação dos professores para atuarem nestes territórios e utilizar a

educação libertadora como uma das principais ferramentas de ações de transformação de territórios.

Não cabe a nós designar uma formação ideal para os professores, até porque todos passam por processo de aprendizagem durante seu período de estudo onde as noções e questões básicas da sociedade são colocadas como base de aprendizagem. Porém os profissionais da educação que atuam nos territórios onde as vulnerabilidades sociais estão mais presentes, há a necessidade de uma didática diferenciada da educação formal padronizada, pois são muitos os incidentes diários que ocorrem nas escolas localizadas nestas regiões dominadas pela criminalidade. Incidentes estes que estão relacionados principalmente pelas vulnerabilidades existenciais que acercam estas regiões. Um agravante destes incidentes é sem dúvida as grandes violências urbanas que ocorrem nestes espaços.

As operações militares que estão presentes nestes territórios e geram na grande maioria das vezes fechamentos de escolas e até mesmo confrontos que atingem diretamente o ambiente escolar, uma problemática que interfere tanto na vida dos estudantes quanto nos dos professores. Infelizmente a violência aos arredores e até mesmo dentro das escolas se tornou uma realidade com um aumento gradativo em nosso país. A violência urbana ela interfere diretamente na atuação da educação, com diversas consequências decorrentes dela, sem contar as questões psicológicas dos alunos que residem em regiões dominadas pela criminalidade, e várias outras questões sociais como por exemplo a atuação de entes da família que fazem parte do crime organizado e que consequentemente gera perdas de vidas de quem está no crime e de quem também não está.

A escola é muitas das vezes o recurso que o aluno usa para se distanciar da violência do local onde residem. Então quando buscamos entender as formações dos educadores principalmente destas regiões onde as características dos alunos são de fragilidades emocionais e territoriais, estamos em busca de tornar a educação para estes jovens o pilar da transformação da realidade. E como muitos jovens buscam a escola como um local de aconchego, a necessidade destes espaços serem acolhedores, humanos e presentes, só aumenta. É possível observar que algumas escolas no nosso país já possuem uma educação inclusiva e que permite que o aluno não esteja na escola somente para sentar-se uma sala de aula, copiar quadros e mais quadros de conteúdos programáticos, e sim de permitir que os alunos tragam as suas fragilidades, seus conhecimentos populares e suas principais características, claro, sem deixarmos de fornecer o aprendizado necessário básico do nosso ensino. Nunes nos fala que

Na década de 50 e início da década de 60, no cenário brasileiro foi se configurando em todos os âmbitos, um movimento que apontava para as reformas de base e sobretudo para a implantação de uma sociedade menos submissa ao grande capital transnacional, às oligarquias e, portanto, mais democrática. Tal movimento emergiu com muita força e envolveu importantes grupos da sociedade, a saber: movimentos de cultura popular, de erradicação do analfabetismo, de educação popular, de cinema, de teatro popular, movimento estudantil e, no plano político-econômico, um projeto que procurava romper com a relação de submissão unilateral ao capital transnacional. Todo este processo foi violentamente interrompido com o golpe civil-militar de 1964. (Nunes, 1998, p. 25)

Atualmente observamos uma maior valorização da educação do nosso país, o que também nos permite inserir cada vez mais todas as diversidades nela e que ela se transforme em uma educação libertadora e que permita que os que dela usufruem designam os seus

destinos e que não façam mais parte de uma estatística de uma educação segregada, alienada e bancária. A educação para os sujeitos pertencentes aos espaços vulneráveis pode ser uma ferramenta importante na luta pelas desigualdades sociais do nosso país. Quando Freire (1987) nos apresenta a educação bancária, ele torna possível identificarmos a educação libertadora, onde ela existe, e o que ela pode fazer na vida dos mais vulneráveis da nossa sociedade. Freire nos diz que

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção

“bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. (Freire, 1987, p.37).

É tão comum uma educação bancária no nosso país, que facilmente identificamos quando a existência dela. Uma das maiores características da educação bancária é a ideologia de que o educador possui o saber e o educando precisa receber este saber como único e exclusivo para si. Portanto podemos identificar a educação bancária como uma educação alienadora e que permite o educador se impor aos saberes do educando tornando único e exclusivamente aprendiz sem dar o mínimo de “crédito” aos saberes popularmente existentes em nossa sociedade, principalmente quando o assunto é diversidade de culturas.

Se partimos do ponto onde enxergamos a educação como uma ferramenta libertadora, entendemos o quanto ela é essencial para o crescimento e valorização das nossas culturas. A educação ela pode dizer muito das pessoas, pois nos seres humanos reproduzimos o que aprendemos e o que sentimos, logo, uma educação que nos liberte e nos transforme possivelmente nos dirá muito sobre nós, do que somos e como agimos. Podemos assim dizer que a educação bancária faz parte de uma produção de conteúdo de ensino que produz objetos de trabalho, logo, mão de obra barata e que aumenta as vulnerabilidades sociais por consequentemente as classes vulneráveis serem as maiores atingidas em relação a uma educação tanto bancária, quanto excludente. A educação nos permite transformar a realidade principalmente através do senso crítico estabelecido entre as relações.

Uma educação liberta pode transformar a realidade de sujeitos que buscam a transformação, ela com seus meios e forma de ensinar pode se transformar no grande pilar na transformação da sociedade, principalmente quando se trata de se manifestar pelos seus direitos. Sendo ela em espaços de vulnerabilidade sociais ou não, de qualquer forma ela irá interferir na vida das pessoas. Os territórios vulneráveis são os principais dependentes de uma ação da educação libertadora. O que ela pode trazer para jovens periféricos, que vivem e revivem o crime e as condições de moradia nas mais precariedades existentes. Através de uma educação de qualidade todos nós estamos sujeitos a mudar o rumo de uma realidade que nos é imposta todos os dias.

E o que fica facilmente entendido é que muitas das ações que poderiam ser de mudança para as realidades atuais do nosso país, não acontece porque existe um silenciamento da população para que ela não se transforme em sujeitos críticos pensantes e

que poderão produzir manifestações onde os principais atingidos por ela sejam os responsáveis pelo silenciamento. Já ficou claro que para a elite da sociedade existir necessita-se de uma classe que os façam permanecer como elite da sociedade. O Brasil é um retrato de uma sociedade totalmente desigual em todas as relações. O nosso país possui condições suficientes para fornecer educação, saúde, moradia e alimentação adequada para toda a população brasileira. Com o acesso a uma educação de qualidade o filho da empregada doméstica, do gari, do operário e dos demais trabalhadores de classe vulnerável no nosso país pode mudar a realidade da família, transformar sonhos em realidades, a projetos saírem do papel. E consequentemente construir novas ações que permitam que novos sujeitos se transformem.

Acreditamos na educação libertadora como uma ação que pode trazer para a sociedade transformações para um país com menos desigualdade social. Seria impactante mesmo se essa desigualdade acabasse, mas para isso acontecer dependemos de muitas questões, ações que permita que o pobre neste país para de ser visto como uma mão de obra, e que se torne único e exclusivamente dono do seu destino. A violência urbana está desencadeando cada vez menos esperança de uma sociedade mais justa, porque além de tudo, que um vulnerável socialmente vive, estamos perdendo também o direito ao acesso de ir e vir. A educação ela está para além dos muros da escola. E a educação libertadora é a principal fonte de ação transformadora possivelmente existente para muitas mudanças.

4 CRIME E TERRITÓRIO: A ATUAÇÃO DO ESTADO NAS OPERAÇÕES MILITARES

Neste trecho abordaremos os resultados das atuações das operações militares na população que vive na periferia. Para entendermos o processo da atuação do estado nas comunidades com as intervenções militares, buscamos identificar quais as propostas do estado quando determina uma operação militar nestas regiões e qual é o propósito delas. O Brasil hoje vive uma grande crise na segurança pública, o Rio de Janeiro está entre os estados mais violentos do Brasil (Figura 3). Para iniciarmos nosso diálogo abaixo segue um mapa das operações militares no Rio de Janeiro e os territórios onde produzem as maiores violações de direitos da população.

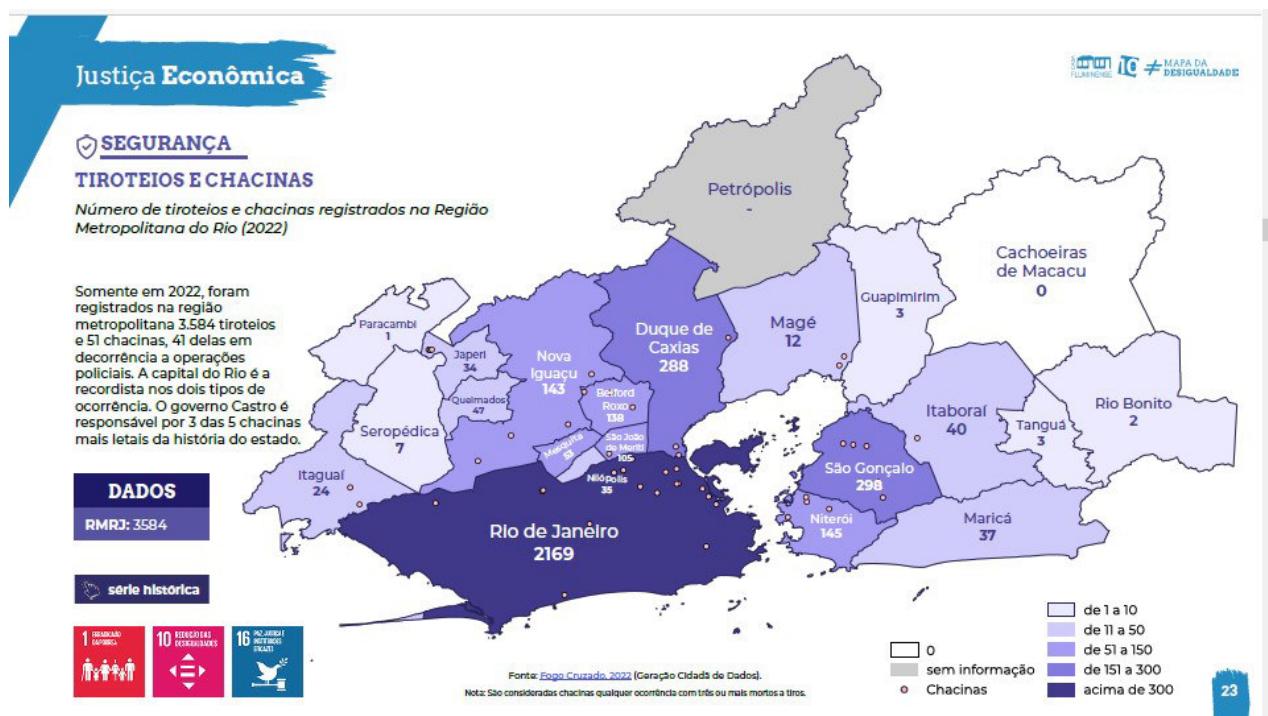


Figura 3 – Segurança Pública

Fonte: <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/>

Os dados acima nos permitem observar diversas características do estado popularmente conhecido como é o Rio de Janeiro. O que mais nos chama a atenção é que estamos falando de dados de 2022, que são extremamente recentes e que nos permiti dizer que as políticas de segurança e consequentemente as educacionais não estão cumprindo o papel devidamente. Temos recursos e politicagem o suficiente no estado para esta realidade passar por um processo e fretamento em relação a expansão da criminalidade, mas os dados recentes nos mostram infelizmente o contrário. Cada vez mais a violência urbana se expande causando mortes, destruição e perde d esperança de que um dia possuíram o direito de ir e vir, sem possuir seus direitos negados como vem acontecendo no estado mais forte ainda nos últimos anos.

Para Genaro (2011, p. 16) são inúmeros os fatores geradores de violência, que podem ser definidos como: condição socioeconômica relacionada à falta de oportunidade, às desigualdades sociais e à exposição das pessoas à ambientes vulneráveis; institucionais que se refere à ineficiência do Estado, a ausência da família e convívio social; culturais que se relacionam com as questões étnicas de origem histórica; crescimento desordenado das grandes cidades e a alta taxa de natalidade infantil que favorece o aglomerado de pessoas nos centros urbanos.

A partir desta problemática que Genaro (2011) nos traz, é importante destacar o que é território vulnerável nas grandes cidades. Um estado como o Rio de Janeiro que é rico pela sua cultura, turismo e de grandes oportunidades, também é o mesmo Rio de Janeiro onde os territórios estão cada dia mais vulneráveis, onde a criminalidade vem aumentando todos os dias, uma realidade facilmente encontrada nos telejornais diários de televisão. O Rio está em destaque nas violências ocorridas nos territórios que possuem as maiores vulnerabilidades seja ela social ou educacional. Para Santos (2020)

Imaginar o território é imaginar sua população e os recursos para a sua sobrevivência. Tanto mais capacidade técnica a população dispõe, tanto mais recursos vão possuir. O território comporta relações de poder entre os indivíduos que o compartilham, configuradas numa infinidade de possibilidades a depender das condições materiais e conhecimento técnico dos sujeitos. Em ambientes de desigualdade, as disparidades costumam tomar dimensões exageradas, tendo a exploração espaço profícuo, gerando uma massa de gente oprimida, ou seja, de gente em situação desumanizante e com possibilidades de liberdades rarefeitas. Essa configuração possui um elemento reforçador, a falta de acesso aos estudos. (Santos, 2020, p.23)

Com grandes confrontos de organizações criminais com policiais e com muitas mortes de inocentes que são na maior parte moradores destas regiões dominadas pelo tráfico e por operações que saem do controle do estado, buscamos trazer para a discussão nesta pesquisa, o mapeamento das localizações dos territórios hoje mais segregados pelos impactos sociais. A pesquisa se dará em regiões do estado do Rio de Janeiro onde existe maior índice de criminalidade, mesmo que hoje a violência esteja em todos os espaços, são as regiões onde se concentra majoritariamente a população com maior índice de hipossuficiência que sofrem com o domínio do tráfico de drogas que consequentemente produzem disputas de facções criminosas nestes territórios. É facilmente possível observar a grande segregação social que existe nestes territórios.

Estas regiões de maior criminalidade são da zona norte, zona oeste e baixada fluminense, onde consequentemente residem a maior parte da população trabalhadora do estado. As crianças e jovens já têm na memória um silenciamento referente aos criminosos de sua comunidade, revelando que quem decreta esse silêncio não descarta a violência como punição para aqueles que não obedecem. Pio, Brito e Gomes (2021) afirmam que a criminalidade afeta toda a sociedade, principalmente aqueles sujeitos que são vítimas dela, além daqueles que cometem atos ilegais. Apesar de termos lei de desarmamento, de incentivo aos policiais que apreendem armas e drogas, ainda é grande a ascensão criminosa no Rio de Janeiro.

Sobre a criminalidade e os bloqueios às escolas, Gama e Scorzafave (2013, p. 454) afirmam que:

A violência pode não só interromper as aulas como também impedir o acesso às escolas. Isso pode acontecer quando componentes do tráfico de drogas ou do crime organizado bloqueiam as principais vias de acesso aos bairros e impedem a entrada da polícia no centro das tensões, consequentemente dificultando a chegada de alunos que moram nos arredores da escola e obstruindo o acesso daqueles que residem em bairros vizinhos. (Gama e Scorzafawe, 2013, p454)

Tudo isso, afeta a qualidade educacional porque dá condições para a rotatividade dos professores dessas unidades escolares. Afeta, ainda, perniciamente o aprendizado dos estudantes, já que não há possibilidade do cumprimento do programa de ensino ou, ainda, há deterioração dos conteúdos ensinados.

Uma outra situação que contribui para o aumento da evasão escolar por parte da violência urbana que existi nestes territórios é o aumento gradativo que ouve em relação a entrada dos membros pertencentes ao crime organizado. Cada vez mais as idades dos adolescentes que fazem parte destas organizações criminosas vêm diminuindo. Isso ocorre devido vários fatores sociais que juntamente com o avanço do capitalismo buscam trazer os jovens cada vez mais jovens para o mundo do tráfico, com a proposta de uma vida de ostentação, sem miséria e com sentimento de poder aos demais sujeitos da comunidade.

Sem contar que isto gera ainda mais consequência para a vida educacional destes jovens que não conseguem enxergar a educação como uma grande ferramenta de transformação da realidade. O poder que o capitalismo moderno tem sobre os seres humanos influencia para a entrada destes jovens na vida do crime. Sabemos que para muitos a educação não é um caminho de uma

“vida melhor”, a visão deturpada que a população principalmente a menos favorecida possui em relação a educação continuada produz ainda mais sujeitos para estas organizações criminais.

Um outro fator não menos importante e que observamos atualmente em todos os parâmetros da sociedade, consequência do grande aumento da violência urbana, são as síndromes psicológicas que estas violências existências geram na vida dos sujeitos que convivem diariamente com as instabilidades nos seus territórios.

O estado atua em todo território do Rio de Janeiro com operações militares. Mas, existe uma sequência em que divide estes espaços, quando observamos o maior público atingido pelas operações. A população fica na comunidade sofrendo diariamente com as intervenções militares e com o grande abuso e disputa de poder entre traficantes e milicianos. As regiões hoje mais afetadas pelas operações militares são as regiões onde possui uma grande massa de pessoas vulneráveis. A zona norte, oeste e baixada fluminense sofrem diariamente com o crescimento do tráfico e do avanço das milícias em bairros e comunidades.

O tráfico possui um poder de persuasão em relação a entrada de jovens na criminalidade, o que acaba sendo um grande propulsor da evasão escolar. E a milícia oprime a comunidade a viver nas condições relativamente impostas por elas. Neste sentido, podemos dizer que um dos fatores determinantes para a entrada de cada vez mais jovens na vida do tráfico está relacionada também a grande ostentação de poder que essas organizações criminosas possuem frente as comunidades. É claramente perceptível nos dias de hoje o quanto a população destes territórios vive oprimidos e com medo e sobrevivendo dia após dia.

A criminalidade ela não leva só o jovem que saiu da escola para a rua, ela leva também uma família inteira. Diariamente estamos acompanhando nos noticiários mães que

perderam seus filhos para o crime e as que os perdem nos confrontos quando são confundidos com traficantes da região. O que os permite entrar em uma questão social mais além e que podemos chamar de racismo estrutural.

4.1 Classes Sociais e Justiça Social

Não podemos deixar de trazer para esta pesquisa relacionada à educação uma importante problematização com questões raciais do nosso país, uma vez que a educação permite dialogar com todos os campos da sociedade e principalmente nos apresentar a grande discrepância que existe na educação de qualidade para todos e todas, sem distinção de raça, religião, cor e gênero.

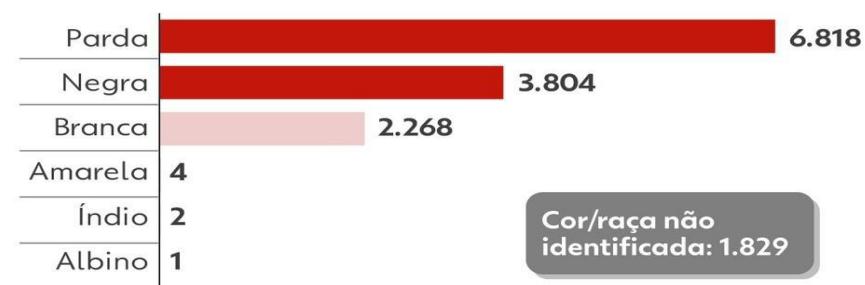
É importante trazer para a nossa discussão as vulnerabilidades destes territórios, bem como a grande divisão de classes sociais e racial que existe em todo o nosso país e em grande massa no estado Rio de Janeiro. Segundo o ISP Instituto de Segurança Pública das 1.169 mortes por intervenção de agente do estado na região metropolitana, em 919 as vítimas eram negras. Em 14 municípios da RMRJ (Região Metropolitana do Rio de Janeiro), mais de 80% das pessoas assassinadas pelo estado eram negras, chegando a 100% em cinco municípios. Entre os anos de 2019 e 2022, o cenário se agravou em 10 municípios. (Casa Fluminense,2023, p 35).

Esta problemática nos permite discutir sobre as justiças sociais e raciais existentes no nosso país. Cada vez mais vem aumentando os casos de violência racial nas comunidades do estado do Rio de Janeiro, que nos permite discutir como está a práxis nas escolas com o pertencimento local de etnia e gênero. Todos os dias pela mídia e telejornais observamos as vidas que são perdidas nestes territórios. Por isso a educação possui um papel de grande importância principalmente nestes territórios vulneráveis e onde se concentra a maior população negra do país.

No gráfico abaixo (Figura 4) identificamos o avanço da criminalidade contra os negros no Estado do Rio de Janeiro, crimes estes que acontecem, ainda, nas regiões onde se obtém o maior índice de tráfico de drogas.

Negros e pardos morreram 4,7 vezes mais do que brancos

O grupo representa 72% das mortes pela polícia do RJ nos últimos 15 anos



g1

Fonte: Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio (ISP/RJ)
Infográfico elaborado em: 19/11/2021

Figura 4 – Negros e pardos são mortos mais vezes do que brancos no RJ

Fonte: Instituto de Segurança Pública - ISP, 2021.

No Brasil é comum escutar que nosso país não é um país racista, infelizmente os fatos e as estatísticas nos mostram e nos permite negar essa informação. O Rio de Janeiro é um dos estados brasileiros que mais mata a população negra e que fere a vida de muitas pessoas que não possuem nenhum vínculo com a criminalidade. Todos os dias morre um negro no Rio. Observamos nas pesquisas recentes que os jovens negros de periferia são a maioria atingidas pela ausência da segurança pública no nosso país e principalmente no estado do Rio de Janeiro. A população de comunidades e regiões dominadas pelo tráfico sofrem diariamente ataques a sua integridade e a segurança (ISP, 2021)

As estatísticas nos mostram que essa população que sofre maiores ataques é a população negra que é extremamente agredida todos os dias e de todas as formas. Este fato também nos permite observar que os conhecimentos incompletos existentes em nossa sociedade acabam gerando ainda mais um volume de pessoas e profissionais principalmente da segurança pública que permitem existir a ideia de que quem tem que morrer é o preto. E como a desigualdade está em massa nas comunidades dominadas pelo tráfico consequentemente morre cada vez mais negros que são diariamente a classe que mais sofre com essa desigualdade social e que já desencadeia o racismo estrutural da nossa sociedade.

4.2 Intervenção das Políticas Públicas em Territórios de Vulnerabilidades Sociais

Traçaremos neste tópico a atuação das políticas públicas nos espaços educacionais, mas para entendermos as diversidades existenciais que possuem as políticas públicas

conversaremos com autores que dialogam com estas variações no Brasil, como Souza nos afirma que

Pode-se resumir política pública como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente). A formulação de políticas públicas constitui-se no estágio em que os governos democráticos traduzem seus propósitos e plataformas eleitorais em programas e ações que produzirão resultados ou mudanças no mundo real. (Souza, 2006, p.20)

Para tanto, como o foco principal nesta pesquisa está diretamente relacionada ao processo de ensino educacional nas regiões afetadas pela criminalidade, neste sentido traremos a reflexão da definição das políticas públicas enquanto atuação no Estado. Souza (2006) faz um diálogo sobre “os conceitos e definições das políticas públicas de forma conceitual, trazendo assim, do ponto de vista teórico-conceitual, que a política pública em geral e a política social em particular são campos multidisciplinares, e seu foco está nas explicações sobre a natureza da política pública e seus processos.

Por isso, uma teoria geral da política pública implica na busca de sintetizar teorias construídas no campo da sociologia, da ciência política e da economia. “As políticas públicas repercutem na economia e nas sociedades, daí por que qualquer teoria da política pública precisa também explicar as inter-relações entre Estado, política, economia e sociedade” (Souza, 2006, p. 25). Ela ainda nos põe a refletir sobre as atuações das políticas públicas na sociedade e o que ela pode ser contribuinte na contemporaneidade na vida dos jovens principalmente dos territórios de vulnerabilidade social.

Isto nos permite observar de que maneira elas estão atuando nos espaços sociais e de que forma estas atuações estão contribuindo para os direitos dos estudantes e de todos em territórios de vulnerabilidade social, sabendo que as políticas públicas é direito de todos os cidadãos. Para isso, recorremos a estes diálogos com autores que nos mostram o real conceito de políticas públicas educacionais e o quanto a sua atuação pode trazer para estes jovens de periferias oportunidades e caminhos para a construção de uma autonomia perante os percalços impostos pela criminalidade.

Segundo Oliveira (2007) o desenvolvimento econômico e social do Brasil ainda não conseguiu inovar nos modos de assistência à população, seja na saúde ou na educação. A prevenção é uma palavra muito bonita, mas relegada a um canto escondido de nossa consciência. Quantos governos já tentaram inovar na construção de políticas públicas autênticas.

Com todas as possibilidades de segregação da vida das pessoas que moram nestas regiões periféricas, existe ainda o abandono das escolas públicas nestes territórios. Por isso o conceito e o papel das políticas públicas se tornam tão importantes quanto relacionada a educação nos territórios vulneráveis. Segundo um levantamento feito em CASA FLUMINENSE, MAPA DA DESIGUALDADE, (2023) existem escolas públicas do Rio de Janeiro sem o básico necessário para sobrevivência nestas instituições como água, saneamento básico e alimentação. Quando nos deparamos com estas informações nos permitimos pensar onde está, e para quem são as políticas públicas. De que maneira a população principalmente a menos favorecida pelo estado consegue ter acesso a ações das políticas públicas.

É notável que em alguns territórios as políticas principalmente as educacionais funcionam, na baixada e na zona norte como está para exemplo de território, temos escolas com grandes atuações das políticas, que funcionam tanto para a sua estrutura civil como para a educacional, mas temos nestes mesmos territórios escolas que possuem uma segregação educacional permanente. Uma das propostas das políticas públicas educacionais é trazer a população para fomentar as suas atuações. Neste cenário, identificamos uma defasagem no sistema educacional quando ele não fornece as condições mínimas para que as famílias estejam mais adentradas nas propostas que as políticas públicas trazem para as escolas.

Na baixada por exemplo, é comum em escolas públicas principalmente termos no período inicial de ano letivo escolas municipais que levam um período aproximado de 3 meses ou mais, com alunos sendo liberados com horários vagos por não ter o profissional da educação da disciplina disponível na escola. Este fato nos permite pensar onde está a política pública que atua na educação com a proposta de que a educação é um direito de todos e está para todos.

É perceptível a quantidade de profissionais da educação que estão hoje sem exercer sua profissão por uma das questões mal planejadas e executadas de concurso ou contratações. Daí muitas vezes a região que está com falta de professores em sala de aula deixando os alunos com uma defasagem na educação, está também com profissionais da educação sem atuação nas escolas. Dentre os diversos campos que as políticas públicas possuem Souza (2006) nos apresenta algumas das suas principais e reais características frente a sociedade, Souza nos diz que a

A política pública permite distinguir entre o que o governo pretende fazer e o que, de fato, faz. A política pública envolve vários atores e níveis de decisão, embora seja materializada através dos governos, e não necessariamente se restringe a participantes formais, já que os informais são também importantes. A política pública é abrangente e não se limita a leis e regras. A política pública é uma ação intencional, com objetivos a serem alcançados. A política pública, embora tenha impactos no curto prazo, é uma política de longo prazo.

A política pública envolve processos subsequentes após sua decisão e proposição, ou seja, implica também implementação, execução e avaliação. Souza (2006, p.36-37)

Com isso estendemos a problemática de que as políticas públicas possuem um papel essencial na vida de cada cidadão. É através dela que podemos alcançar principalmente as nossas maiores necessidades enquanto sujeitos de uma nação. É a responsável que avalia e observa se as demandas necessárias governamentais estão atuando para atender a população. O papel da política pública na vida de quem está dentro da vulnerabilidade social é de extrema importância, pois é através dela que identificamos algumas das maiores vulnerabilidades existenciais.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

PERGUNTA DE PARTIDA:

De que maneira a educação, como prática libertadora, pode transformar a vida de crianças e jovens que vivem em comunidades periféricas e convivem com a violência urbana no seu dia a dia?

Analisar de que maneira a educação, como prática libertadora, pode transformar a vida de crianças e jovens que convivem com a violência e a criminalidade em ambientes de vulnerabilidade social.

- Identificar nas políticas públicas a importância da educação como ferramenta de inclusão de crianças e jovens periféricos na sociedade;
- Investigar dificuldades e possibilidades de transformação nos espaços onde possui maior atuação do crime organizado;
- Identificar o potencial das regiões que atualmente são dominadas pelo tráfico, e que possuem em grande massa a mão de obra trabalhadora do Estado;
- Investigar a educação como potencializadora do pertencimento local, da autonomia e do fortalecimento da identidade;
- Examinar o papel das operações militares em ambientes de vulnerabilidade social.

A metodologia que será utilizada nesta pesquisa tem abordagem qualitativa com pesquisa de estudo de caso. De acordo com Yin

O estudo de caso foi encarado como procedimento pouco rigoroso, que serviria apenas para estudos de maneira exploratória. Hoje, porém, é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (2001, apud Gil, 2002, p. 54):

Diante disso, o estudo de caso nesta pesquisa adequa-se pela investigação das particularidades que envolvem a formação de determinados fenômenos sociais, que no caso dessa pesquisa situa-se entre a Educação Libertadora, a vulnerabilidade social e a criminalidade. Os instrumentos de pesquisa serão a entrevista e a busca documental.

Recorremos a Gil (1999, p. 117) quando afirma que a entrevista é uma técnica adequada “[...] para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca de suas explicações ou razões a respeito de coisas precedentes”. É uma coleta de dados que se mistura com reações afetivas do participante. No desenvolvimento desta pesquisa utilizaremos a entrevista semiestruturada que é um tipo de entrevista que mantém um roteiro flexível para que o entrevistado se sinta à vontade em enunciar suas respostas, entretanto o pesquisador não pode perder o foco da entrevista.

Mattos (2020b) afirma que o estudo de caso é uma pesquisa que estuda um contexto, portanto o contexto de pesquisa serão algumas escolas estaduais situadas na região oeste do Estado do Rio de Janeiro. Os sujeitos de pesquisa serão os professores e a gestão da escola.

Dessa forma acreditamos que será possível entender o papel do processo educacional nestas regiões segregadas pela criminalização. Podendo ou não trazer para a pesquisa os problemas mais visíveis da população em relação a educação como uma ferramenta que produz novos caminhos para a mudança destas realidades.

Os métodos que as escolas usam em meio às intervenções policiais afetam diretamente a vida de cada aluno destas escolas e acabam que possuem um grande papel também nas ações pedagógicas educacionais. Quando buscamos mapear a pedagogia educacional de uma escola pública em região dominada pela criminalidade, primeiramente identificamos o público que acessa a escola e por meio de que forma acessam. Este trabalho nos permitiu encontrar de frente com pessoas que vivem a criminalidade dia a dia no Rio de Janeiro. Quando trazemos pessoas que vivem em meio às violências urbanas dia a dia, é porque o Rio é uma cidade dividida totalmente por classes. Por mais que a violência urbana hoje esteja presente em todos os territórios, assim como em diversos outros lugares temos as populações que sofrem as maiores depredações.

Um dos fatores relevantes para o levantamento da pesquisa, foi uma escola de nível fundamental, pública e que em meio às grandes guerras de tráfico e violência ser uma escola tão procurada, inclusive por todas as classes. Esta pesquisa nos permitiu entender o papel da educação libertadora para diferentes grupos, e de que forma ela chega na vida de diferentes grupos sociais e o que ela pode trazer para estes jovens. Neste sentido, buscamos por uma entrevista com perguntas objetivas e que nos trará um respaldo da realidade que as escolas públicas do estado vêm enfrentando com aumento gradativo da violência urbana e a segregação espacial destes territórios.

Diariamente estamos sendo surpreendidos com ataques e violência a grupos sociais nossa sociedade. Violência de gênero, sexualidade, etnia, religião e outros: Isto nos permite respaldar a educação como uma das principais ações transformadores da sociedade. Se acompanhamos os teles jornais que trazem diariamente as notícias mais afundas do dia a dia em nossa sociedade, encontramos uma grande existência de ataques a pessoas e lugares cada vez mais vulneráveis socialmente. E são estes territórios que possuem na maior parte das vezes uma educação que atravessa a precariedade, a invisibilidade e o esquecimento por parte do Estado.

5.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa terá como foco principal entrevistas feitas com o diretor e um professor(a) de uma escola pública na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, localizada no bairro Ricardo de Albuquerque, a escola municipal Figura 4), que nos permitiu, numa visão micro, estimar de que forma uma escola pública municipal do Rio de Janeiro atua em território de vulnerabilidade social e dominado pela criminalidade. Buscando identificar as transformações sociais que a escola produz nestes espaços e na vida desses sujeitos. Identificando através da entrevista o público que tem acesso a uma escola municipal do Rio e o que ela pode ter de diferencial na educação de jovens que frequentam uma escola localizada em uma região que é rodeada pelo tráfico de drogas e com constantes operações militares.



Figura 5 – Fachada da Escola

Fonte: Arquivo pessoal do gestor

Uma escola que foi uma escola municipal cumum e que hoje faz parte de um projeto do governo do município do Rio de Janeiro, Escola Nova, lançado em 2022 que consiste em trazer Experimentos Tecnológicos com um modelo inovador de escola pública. O projeto tem como incentivo desenvolver as alçadas do século XXI em Ciências, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática. A proposta dos Gets é inserir a tecnologia que está presente em nosso dia a dia também nas escolas. Para Costa (2014) as tecnologias já foram incorporadas na sociedade, como itens naturalizados pelo uso habitual. Não poderiam ser excluídas do ambiente escolar. Elas podem e devem ser utilizadas no ensino de formas distintas, de acordo com a intencionalidade do seu usuário (Costa, 2014, p. 17).

O Get hoje, após 2 anos de sua implementação pelo governo do estado, ainda funciona com uma proposta mais lenta, mas que busca inovar ainda mais nas novas versões da tecnologia. A proposta de inserir as tecnologias na escola também parte do ponto da conscientização ambiental e o que estas novas tecnologias podem trazer de pontos positivos e negativos para o meio ambiente.

Neste sentido o projeto busca inovar e transformar também com um olhar para a sustentabilidade. É perceptível que este novo projeto educacional acaba se tornando inovador e transformador na vida dos jovens e adolescentes que buscam transformar suas realidades através da educação e convida os estudantes a pensarem em propostas inovadoras e soluções criativas, com um trabalho interdisciplinar, combinando a abordagem steam além da grade curricular normal, que será seguida regularmente.

Mesmo com a escola localizada numa região com grandes atuações de tráfico e milícia, a escola fica em uma rua do bairro que não possui barricadas ou qualquer tipo de impedimento dela. A escola possui uma infraestrutura de qualidade, conservada e limpa. Ao

adentrar no período préestabelecido para a realização da pesquisa, em primeiro momento ao chegar na escola foi percebido a estrutura escolar e a participação e interação do diretor com os alunos e demais colegas de trabalho. A pesquisadora apresentou-se como estudante do Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e foi muito bem recebida por todos da escola. Em uma primeira conversa com o diretor da escola, trouxemos questões como estrutura, família, didática e relacionamento interpessoal com os alunos.

A entrevista levou-nos a refletir com base em experiências vividas em outras escolas públicas, mas situadas na baixada fluminense. Entendemos que a escola possui estrutura e acolhimento que não foi encontrado em algumas outras escolas visitadas durante a procura por escola pública para realizar o estágio obrigatório do mestrado na região da baixada fluminense. Logo, se é percebido toda essa questão estrutural social. Permitindo assim que já conseguimos identificar a grande divisão de classes que existe entre bairros da cidade do Rio de Janeiro e de municípios da baixada.

A escola (Figura 6) fica muito próxima de uma das comunidades periféricas dominadas pela criminalidade e com intensa atuação das operações militares mais conhecidas do estado Rio de Janeiro que é o complexo do Chapadão. O complexo do Chapadão como é conhecido, está nos noticiários dos telejornais mensamente com grandes operações militares, operações estas que propõe diminuir a propagação da criminalidade no bairro. Mas que muitas das vezes fogem do controle do estado e acaba produzindo uma guerra entre polícia e traficante. Nos dias de operação militar a localidade fica à mercê de confrontos com grandes volumes de tiroteios e que atinge toda a comunidade e locais próximos como o comércio, as residências e as escolas. Este processo atinge diretamente o cotidiano da população que vive com medo e com seu direito de ir e vir negado por estas ações.



Figura 6 – Interior da escola

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

5.2 Caracterização dos Sujeitos e o *Lócus do Estudo*

A entrevista na escola foi realizada com o diretor Mario Jorge Pereira de Souza gestor há 6 anos, formado em Licenciatura em Educação Física, e mestre em Educação. O diretor foi o maior objeto da nossa pesquisa, sendo entrevistado, onde nos trouxe as características da escola e nos apresentou de que forma a escola atua. Em primeiro momento foi trago em questão como a escola atua para diminuir a evasão escolar e o incentivo para os alunos darem sequência a uma educação continuada. Foram feitas perguntas que abordaram principalmente sobre qual a ferramenta pedagógica que a escola utiliza para fomentar o interesse de jovens de aproximadamente entre 13, 14 e 15 anos.

Considerando as vulnerabilidades da região, o avanço da tecnologia que acaba influenciando cada vez mais jovens com acesso a telas e se a escola possui também as inclusões das diversidades. Também fez parte da entrevista a professora de Ciências, e que é uma das professoras que utilizam o espaço que é chamado de Colaboratório, que é o projeto da Escola Nova nos Gets. O diretor nos forneceu questões mais sobre os desafios de atuar em uma escola localizada em área de tráfico e como a escola atua com todas as questões relacionadas as formas pedagógicas de atuação e a professora nos forneceu mais especificamente sobre as dinâmicas e os projetos desenvolvidos com os alunos e de que forma consegue introduzir uma educação mais liberta para esses alunos utilizando os espaços do Colaboratório.

5.3 Conhecendo a Escola

- Escola Municipal Coelho Neto(antiga)
- Ginásio Experimental Tecnológico (GET)
- Endereço: Rua Umbuzeiro 455, Ricardo de Albuquerque – RJ
- Escola período integral: 7:30 as 14:30
- Números de alunos: 450
- Anos: 7º, 8º, 9º

A escola chamada de Get (Ginásio Experimental Tecnológico) possui este nome por fazer parte de um novo projeto do estado, Escola Nova. A escola possui uma sala chamada de Colaboratório que é onde são desenvolvidas as atividades relacionadas a inovação tecnológica, sustentabilidade, jogos e manifestações culturais. O Colaboratório, como é chamado na escola pelos professores e alunos, é o espaço onde os alunos elaboram juntamente com os responsáveis pelas disciplinas que são destinadas ao uso da sala para serem desenvolvidos o projeto da Escola Nova.

As atividades são criadas no Colaboratório e atravessam as paredes da sala para os demais outros ambientes da escola. Os trabalhos com alunos funcionam da seguinte forma: O responsável pela sala (colaboratório) que é professor de história da escola, mas atualmente está somente como responsável pelo colaboratório, possui a ajuda também de duas outras professoras que ficam responsáveis pela turma, a professora de Ciências e a professora de Educação Física. Os alunos possuem disciplinas para a atuação nos projetos criados no colaboratório. São diversos assuntos referentes a ideias para criação de projetos dentre o de sustentabilidade por exemplo.

A escola possui ações de projetos de sustentabilidade como: a coleta de óleo usado, que vão para uma doação para reaproveitamento devido e o projeto de horta sustentável que os alunos utilizam para aprender, ajudar e cultivar alimentos que serão utilizados na cozinha da escola segundo o diretor. Dentre outras coisas como engenharia e computação que aprendem elaborando objetos com matérias muitas das vezes recicláveis. Esta sala chamada de Colaboratório (Figura 7) é composta por grandes tecnologias, tais como: TV 55 polegadas, Tablet (Aproximadamente 15 unidades), Data show, Caixa de som com microfone, Impressora 3 D, Jogos de mesas e cadeiras, Materiais de confecções de arte e desenhos e Armários.



Figura 7 – Colaboratório

Fonte: Arquivo pessoal do gestor -2024

Podemos observar a estrutura da sala com materiais de qualidade e com capacidade para atender todos aos alunos da escola. São diversas produções que os alunos confeccionam na sala como objetos (Figura 8), mas também conteúdos que fazem parte de exposições ou de festas culturais da escola como teatro, dança, festa junina e entre outros.



Figura 8 – Confecções de engenharia com materiais recicláveis

Fonte: Arquivo pessoal do gestor - 2024

A escola ainda está no inicio do processo de fabricação de matérias recicláveis, onde parte das confecções produzidas no laboratório possui caráter de aprendizagem, sendo assim ainda somente para uso exclusivo da escola sem produzir lucros financeiros.

5.4 Procedimentos e instrumentos da pesquisa

A pesquisa foi realizada entre o período de 08 de março de 2024 a 15 de abril de 2024 com a realização de entrevista com o diretor e um professor(a) da escola, tendo como suporte um roteiro preestabelecido durante a elaboração do projeto de pesquisa. A partir do roteiro de entrevista foi possível problematizar a educação em muitos aspectos, e em seu mais importante os sociais. Foi possível observar as várias transformações que a educação possui na vida das pessoas e o que ela pode desencadear se tratada de maneira exclusa. Conseguimos identificar durante a pesquisa a importância que a educação tem em transformar realidades que muitas das vezes estão em caráter de desistência e da sobrevivência.

A pesquisa também nos permitiu fazer uma observação participante, já que no período em que estava realizando a pesquisa conseguimos identificar algumas características da escola e de seu corpo docente. Quando nos reunimos com o diretor da escola, a entrevista teve que ser interrompida por uma das zeladoras da escola, trazendo informação para o diretor de que havia uma aluna em sala de aula que estava passando mal, logo, interrompemos a entrevista e o diretor juntamente com outros membros da gestão foram analisar e dar o suporte necessário para a aluna.

Esta situação nos permitiu observar o quanto o ambiente escolar muitas das vezes pode se tornar um lugar transformador, humanitário e acolhedor, podendo interferir de maneira positiva ou negativa na vida de cada estudante da instituição. Quando encontramos

uma escola pública em meio ao caos que se tornou algumas regiões da cidade do Rio de Janeiro com o aumento da violência urbana e a atuação dos gestores nestas escolas, percebemos o quanto algumas delas ainda buscam de maneira transformadora atuar e abraçar cada sujeito pertencentes a elas. A escola pesquisada possui uma boa estrutura civil, com um espaço relativamente agradável para os alunos. A escola possui uma forma didática interessante em relação as trocas de horários dos alunos de uma aula para outra.

O diretor nos informou que a escola possui uma estratégia pedagógica que permite que os alunos atuem com maiores responsabilidades dentro da instituição. Neste caso, como exemplo podemos citar o caso do sinal para a troca de aulas, quando é tocado são os alunos que saem das salas de aula e vão em direção ao próximo professor, consequentemente a próxima da disciplina, o que permite aos alunos uma liberdade e responsabilidade de uma escola que faz a pedagogia de uma escola liberta, que transforma e que permite aos seus alunos autonomia de ir e vir. Claro que com muito acompanhamento dos zeladores, ajudantes e todo corpo docente até porque estamos falando de menores que precisam de um adulto por perto a todo momento. Os alunos ficam de forma integral na escola das 7h30 às 14h30, com lanche da manhã, almoço e lanche da tarde.

Em algumas situações estamos falando de algo tão natural que é alimentação, porém o que trazemos aqui para reflexão é que algumas escolas do Rio de Janeiro e de todo nosso país muitas das vezes não possuem nem saneamento básico quem dirá alimentação para 3 refeições dos alunos. Essa reflexão nos permite clarear a ideia de que não são todos que possuem acesso a uma escola de qualidade, uma pedagogia que permita que os sujeitos se tornem protagonista de suas histórias. Segundo o diretor ainda que a escola esteja localizada em uma região dominada pelo tráfico, muitos desses 450 alunos pertencentes à escola, os familiares possuem condições financeiras para estarem em colégios particulares. A escola é bem disputada pela sua didática, corpo docente e estrutura o diretor relata que a escola possui alunos de todas as classes sociais, inclusive alunos que moram em meio ao tráfico de drogas.

Outro ponto que queremos evidenciar foi quanto à recepção realizada pelo gestor da escola, a disponibilidade em nos apresentar a estrutura da escola. Um ponto que chamou muito a atenção foi que a escola possui atividades que deveriam ser o básico, mas não é a realidade de muitas escolas e acaba sendo uma novidade, surpreendendo quando ela existe. A escola visitada possui um bom refeitório, sala de leitura e o que mais nos deixou feliz foi ver a sala de recursos, sim, a escola possui uma sala de recursos e que funciona, o que não deveria ser uma situação surpreendente, não é mesmo?

Até porque estamos falando de direito básico de inclusão. Mas infelizmente o nosso país aparece não ter exemplo de educação para todos, principalmente para a educação especial que depende tanto de uma inclusão que aconteça e que não sejam somente inseridos na escola, mas que sejam inclusos a escola. Segundo o diretor são aproximadamente 13 alunos da Educação Especial matriculados na escola e que utilizam o espaço disponibilizado com equipamentos e estrutura para assisti-los. A escola ainda possui um professor(a) responsável pela sala, estagiários que acompanham o desenvolvimento dos alunos, intérpretes de libras, e uma professora de libras que é uma pessoa com deficiência auditiva.

Os alunos possuem os acompanhamentos dos AEE (Atendimento Educacional Especializado) nas disciplinas, nas aulas e em todas as atividades da escola. A escola também é uma das escolas que possui a sala de Especialidades. A sala de Especialidades seria neste caso, uma sala que algumas escolas possuem onde se recebem e se concentram alunos com habilidades avançadas, tanto para engenharia, matemática, robótica, arte e outras

especialidades. Esses alunos são de outras instituições e que se reúnem nestas salas para os desenvolvimentos das atividades. O site Carioca Digital nos apresenta o papel do AEE nas escolas do estado do Rio de Janeiro e nos diz que

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço da Educação Especial garantido a todos os matriculados em turmas regulares. Realizado nas Salas de Recursos Multifuncionais, no contraturno do horário escolar, este serviço favorece a inclusão, complementando ou suplementando a formação dos alunos.

A prova adaptada, aplicada na própria escola onde o aluno estuda, consiste numa prova feita pelo professor da sala de recursos adaptada ao aluno do ensino fundamental e PEJA (Programa de Educação de Jovens e Adultos) com qualquer deficiência, porém com mesmo conteúdo, levando em consideração as restrições da sua deficiência. O Instituto Municipal Helena Antipoff (IHA) é o órgão da Secretaria Municipal de Educação responsável pela Educação Especial na Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. O IHA mantém equipes junto às Coordenadorias Regionais de Educação que, entre outras atribuições, acompanham a inclusão dos alunos nas turmas regulares e a ação pedagógica nas Salas de Recursos Multifuncionais. A classe especial terá o envio de estagiários condicionados à avaliação da necessidade da classe. Os estagiários encontram-se nas turmas regulares onde existem alunos incluídos, sendo um facilitador da aprendizagem. (Disponível em: <https://carioca.rio/servicos/informacoes-sobre-inclusao-de-alunos-da-educacao-especial/>).

Neste sentido entendemos que todos os alunos matriculados possuem os direitos de terem acesso as escolas e todas as suas ações pedagógicas educacionais, mas infelizmente na maioria dos casos tais direitos são negados pelo poder público e pela má gestão das políticas públicas educacionais devido à grande dificuldade de exercer a liberdade do acesso de ir e vir nas regiões do Rio onde o trânsito é dominante. O Brasil é um país que precisa melhorar muito no que diz a respeito de inclusão para todos, tanto nos aspectos sociais quanto nos educacionais.

Existem escolas que incluem os alunos, principalmente os da educação especial, porém não são assistidos pelas escolas. Passam por situações muitas vezes discriminatórias até mesmo por parte do corpo docente da escola. Por isso trouxemos no texto anterior também a importância de uma educação de qualidade para os educadores que são os responsáveis por trazer uma educação de qualidade e de ser agente de transformadores de realidades.

6 DISCUSSÕES E RESULTADOS

O período em que foi realizado a pesquisa com o diretor e com a professora de Ciências nos permitiu observar, acompanhar e entender os processos de uma escola que possui uma educação diferenciada, podendo assim dizer uma escola com uma pedagogia da educação libertadora. Um dos principais motivos para nos permitir fazer essa afirmação é que a escola funciona de forma que acontece uma pedagogia libertadora, já que eles não medem esforços para fugir de uma educação bancária. Durante a pesquisa aconteceram vários momentos de observação e diálogos que nos permitiu conhecer a escola e de que forma ela segue atuando com a violência cada vez mais próximas, com todas as diversidades, com a intolerância e com o racismo. Com o roteiro préestabelecido (Apêndice A) foram feitas perguntas mais objetivas e formais ao diretor da escola, como o público que acessa a escola, a interações dos pais e responsáveis, e o avanço da criminalidade nos arredores da escola. A entrevista realizada no dia 08 de março de 2024, que nos permitiu conhecer as características da escola, sua estrutura e seus participantes. E com perguntas mais objetivas (Apêndice II) sobre o projeto do Colaboratório com a professora de Ciências. Apresentaremos a seguir as análises sobre as perguntas realizadas com o diretor da escola e após com a professora de ciências.

O diretor afirmou que a escola tem um total de 480 alunos matriculados. Entretanto, dependendo do dia da semana, do clima, dependendo principalmente da questão de vulnerabilidade e da criminalidade local que é quando ocorre operação nas comunidades e também a guerra por disputa de território pelas facções rivais, esse número cai. Essa frequência varia em torno de 80%, segundo nos informou o diretor. Entendendo que a vulnerabilidade social acarreta algum tipo de exclusão, podemos afirmar que esses estudantes que deixam de frequentar a escola por causa da criminalidade, ficando vulneráveis socialmente por serem fragilizados e excluídos do acesso à educação. De acordo com Ruotti (2010, p. 341) como consequência dessa violência

[...] verifica-se a construção de uma atmosfera de medo e de suspeição que incide diretamente sobre a conduta dos alunos e sobre as condições de vida que estes possuem fora da escola, principalmente no caso de escolas localizadas em regiões caracterizadas pela violência urbana.

Corrobondo com essa firmação dada por Ruotti (2010), o diretor afirma que pelo fato de alguns deles morarem em comunidades há preocupação, tanto da comunidade escola quanto dos responsáveis. De acordo com o diretor, “a gente procura conversar com esses alunos. Temos apoio dos órgãos ligados a saúde mental da criança e utilizamos esses órgãos para fazer acompanhamentos. A escola é presente em relação a esta proposta”. Entendemos que este é um mecanismo para minimizar as consequências da violência ao redor da escola. Recorrendo novamente a Ruotti (2010, p. 341) é compreensível que “Essa situação vem se constituindo como alvo de preocupações das instâncias públicas como problema social que requer intervenção, tendo também amplo reflexo nas pautas que orientam a opinião pública, inclusive por intermédio dos meios de comunicação”. É frequente assistirmos recorrência da suspensão das aulas por motivos alheios a pauta escolar, mas por motivos de criminalidade e violência da criminalidade local.

Hoje o maior problema que temos, infelizmente para alguns familiares e até na questão prática, é esses responsáveis terem que trabalhar, tanto pai quanto a mãe, acabando

não tendo tempo para poder orientar essas crianças e poder estar mais próximo. A questão acaba sobrecarregando a escola, afirma o diretor. Ainda, segundo o diretor, quando fala “sobrecarregando” por exemplo o prazer em atender essas crianças, conversar, procurar, se necessário, colocar algum outro órgão para participar, fica prejudicado, mas no caso da secretaria municipal de educação do Rio existem órgãos que vêm para ajudar. Consequentemente, evidenciamos que esse problema da violência, da criminalidade urbana, com escola circunscrita nesse território, interfere no processo educativo dos estudantes.

O diretor relata que os desafios são muitos, *você tem que estar a todo momento fazendo mediações com a própria comunidade, você tem que a todo o momento estar conversando com os alunos, conversando com os responsáveis e colocando que, além desse muro, existe um lugar cheio de esperança, de possibilidades, principalmente na questão profissional e que eles possam realmente querer estudar e que possam futuramente ter um caminho brilhante, que é só eles quererem.* De acordo com Zaluar (2004, p. 77) é necessário existir “um projeto pedagógico que valorize o diálogo”, que fortaleça a necessidade de demonstrar aos estudantes que eles podem alcançar quaisquer profissões, quaisquer postos no trabalho, projeto esse implementado pelos professores realmente capacitados para atuarem nessas áreas de vulnerabilidades.

Entendemos essa necessidade de desenvolver um projeto com esses estudantes quando o diretor relata que “temos muitos alunos oriundos de comunidades, mas eles estão praticamente acostumados. Algumas meninas e alguns garotos expressam dificuldade em morar em comunidades com violência e criminalidade pelo fato do medo, de acontecer algum imprevisto, entre outras situações, mas na maioria já tratam como uma coisa normal”. Não é compreensível que crianças e jovens acreditem ser normal ou normatizar a criminalidade e a violência. Nessa perspectiva, entendemos concordando com Adorno, Bordini e Lima (1999, p. 62) que:

A partir da Constituição de 1988, desenhou-se uma nova política de proteção e de atendimento à infância e à adolescência, que, ao contrário da anterior, considera crianças e adolescentes titulares de direitos: direito à existência digna, à saúde, à educação, ao lazer, ao trabalho e sobretudo ao amparo jurídico. Dois anos mais tarde, os preceitos constitucionais foram regulamentados através da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990, a qual revogou o Código de Menores (1979) e instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Portanto, foi assegurado às crianças e adolescentes certa proteção, com desenvolvimento de projetos que visem propiciar novas expectativas de vida para elas. Segundo Zaluar (2004) a escola é uma instituição fundamental para romper essas cadeias viciantes de normalização da criminalidade e da violência. É a escola que vai desenvolver projeto para inserir esses jovens no mercado de trabalho, retirando-os de um possível cooptação pela criminalidade.

Continuando a narrativa do diretor, ele afirma que “*na escola, aqui no Get Coelho Neto não há rotatividade dos professores, pelo fato de ter professoras com um certo tempo de rede, mas o que observo é que alguns órgãos poderiam preparar melhor os professores, principalmente os que estão ingressando agora*”. Concordamos que a regularidade docente é uma característica essencial para desenvolver um vínculo afetivo entre professores e estudantes. Favorece também ao desenvolvimento da aprendizagem por parte dos estudantes

e maior pertencimento a unidade escolar. Ocorre, ainda, que sem ausências docentes, os estudantes conseguem ter aulas e não ficam ociosos nos espaços da escola nem ao redor dela.

No que diz respeito a atuação da segurança pública ou da polícia militar na interferência do andamento das atividades escolares, o diretor relata que “Bom, eu tenho o privilégio de ter uma atuação da segurança pública muito presente, e dentro da escola que é o mais bacana. A própria segurança da polícia militar que através do batalhão, que nos auxiliam sempre que nós precisamos eles vão sempre a escola e fazem a ronda escolar. E a própria guarda municipal que se faz muito presente, além disso eles fazem palestra na escola, a própria guarda municipal e a polícia militar quando é preciso, e a gente tem essa parceria digamos assim. A escola e a própria comunidade abraçam e acha interessantíssimo”. É notável que o diretor tenta trazer um ambiente escolar de segurança, permitindo que a segurança pública ou mesmo a política militar atuem de forma efetiva sobre a comunidade escolar.

No que tange ao bairro em que a escola está localizada, o diretor relata que “na realidade, eu recebo crianças de outras comunidades. A escola é situada em Ricardo e do outro lado fica o complexo do Chapadão, ou seja, eu recebo bastante crianças do complexo do Chapadão. Aqui ao lado tem outra comunidade mais é bem tranquila. As crianças que nós recebemos basicamente são crianças oriundas do nosso bairro e algumas crianças de fora. Então para nós não tem muito diferença não”. Segundo Couto e Soares (2018, p. 261) o entorno das escolas que estão associadas a territórios com violência e criminalidade está próximo às unidades de ensino que apresentam piores condições de funcionamento, o que não é o caso do GET, apesar de receber alunos do Complexo do Chapadão, território altamente violento. Temos que deixar evidente que a transformação das escolas regulares em GET é muito recente. É um projeto que teve início justamente para modificar a relação dos estudantes com a escola e a relação dos estudantes com o entorno de criminalidade e violência.

Caminhando na lógica do desenvolvimento de projetos abordado anteriormente, foi perguntado ao diretor se a escola adota metodologias ou projetos como proposta para ser uma escola transformadora. A resposta do diretor foi contundente e esperançosa:

Sim, eu sou diretor de uma escola com um projeto de uma escola nova que se chama GET (Ginásio Experimental Tecnológico), então as crianças são voltadas para esta proposta tecnológica, essa é uma proposta que põe a criança para pensar, colocar a mão na massa, põe a criança para criar, põe para sonhar. Então, isso tudo é feito aqui na escola, fora disso nós temos uma proposta ligada a universidade de Columbia, que é uma horta, no qual as crianças participam ativamente desta horta, com plantios e depois são utilizados na escola mesmo. Isto também é uma diferença com relação a escola. Uma outra diferença também nesta escola que a gente busca muito o protagonismo das crianças na escola, no sentido de um exemplo, sala de aula ambientes, no qual a criança se desloca para ir ao encontro do professor para poder ir até o encontro do professor da disciplina, e também por ser uma escola integral.

Cabe-nos fazer destaque sobre a palavra esperançosa, a qual utilizamos para enfatizar a resposta do diretor. Queremos trazer Freire (2002) com o esperançar, em pensar como a esperança transforma o mundo e as vidas que nele estão imersas. É pôr em ênfase o sonho como falou o diretor, entendendo que esse sonho “cuja concretização é sempre processo, e

sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc.” (Freire, 2002, p. 99).

Para o diretor o grande desafio é tentar fazer com que os estudantes se tornem, em futuro próximo, pessoas do bem. “Então eu tiro exemplos daqui de muitos ex-alunos que fazem questão de vir a escola para falar em palestra sobre a vida educacional da época que ele estudou, para ele poder falar sobre a importância da educação na vida dele e a importância da educação na vida desses futuros jovens. Então eu vejo isso como uma essência que a escola tem, promove e põe em prática”. Voltando a Freire (2002) acrescentamos que o sonho possível é aquele que transforma tanto as pessoas quanto a comunidade envolvente, promovendo uma educação libertadora, democrática e aberta aos anseios de toda comunidade escolar. Uma educação que se torne problematizadora, dialógica e de presença crítica tantos dos professores quanto dos estudantes.

Diante disso, o diretor afirma que as mudanças acontecem “principalmente na parte da educação, porque, a partir do momento que o indivíduo encara e leva a educação com mais clareza e a sério ele tende que futuramente existe uma vida melhor, e ele passa a encarar isso como uma proposta futura e melhor de vida para ele e para seus familiares”. Sonhar, portanto, faz parte da natureza humana como afirmou Freire (2002).

Relatando sobre os responsáveis, aqueles sem escolaridade, o diretor explica que os estudantes não apresentam muitas dificuldades. Afirma, ainda, que

procura ver esses alunos com dificuldades, procuramos dar um reforço. Nós temos alguns estagiários aqui na escola, que é uma outra situação também que a gente procura fazer. Procuramos ver com os professores só alunos que tem essa dificuldade e a gente coloca em prática para que esses mesmos não sentirem essas dificuldades. Em relação a família, o que eu mais faço em relação aos responsáveis não perder tempo e estudar também, procurar um EJA um ENCEJA, alguma coisa que possam também ter esse prazer no estudo, até porque não tem idade para você dar continuidade ao seu estudo. (Diretor da GET, Entrevista concedida à autora, 2024)

Relata também que “no início do ano faz reuniões com os pais para que possa trazer a comunidade mais para próximo a escola. Esse é o primeiro fato”. Continua afirmando que

Segundo fato nós atuamos muito com a busca ativa, a gente faz a busca ativa com os responsáveis, temos grupo de WhatsApp, redes sociais da escola. E principalmente o calor humano, eu peço a todos aqui da escola para tratem os nossos responsáveis como pessoas da própria família para que eles se sintam acolhidos. Então os responsáveis vêm sempre a escola, são chamados e orientados a virem sempre a escola, sendo ele problema de qualquer forma que seja, um problema indisciplinar ou um problema até mesmo de orientação, eles estão sempre presentes na escola. Aqui na escola, no Get Coelho Neto não temos esses problemas não. Mas eu acompanho muito aí fora infelizmente algumas direções que são fechadas a esse tipo de proposta, que não estão nem aí para a família. Que não é o caso aqui da minha escola, da minha equipe. (Diretor da GET, Entrevista concedida à autora, 2024)

Compreendemos que o diretor está aberto ao diálogo com os responsáveis e tenta trazê-los para, junto com a escola, minimizarem as dificuldades enfrentadas pelos estudantes. Diante dessas demandas, trazemos o Colaboratório como um projeto que funciona e que

atende, de alguma maneira, as necessidades dos estudantes. As respostas trazidas são da professora de ciências que atua diretamente com esse projeto.

Para entendermos como é utilizado o espaço do Colaboratório foi realizada entrevista com a professora de Ciências. Segundo a professora entrevistada (2024) “Este projeto dos Gets atende as várias áreas do conhecimento. Na nossa escola partimos mais para o ponto da Robótica, Matemática e Engenharia. Mas existe outras ações desta proposta do Get que abraça outras características e que funciona para estabelecer um maior interesse das crianças”. Ainda, de acordo com a professora as crianças têm “aulas programadas numa disciplina específica chamado de projetos integradores no colaboratório. Então, todas as turmas da escola já têm dois tempos semanais pelo menos para frequentar e desenvolver atividades lá”.

A professora relata que existem vários projetos que são desenvolvidos na escola, além do colaboratório e que atua conjuntamente a este, tais como:

Temos o da horta, estamos com o projeto de desenvolvimento de tecnologias mesmo, como robótica, atividades com placa de programação. Isso tudo está sendo planejado, foi desenvolvido ano passado e este ano também, jogos e entretenimento também. Várias outras coisas que dependem do uso da internet, o próprio aprender, pesquisar na internet. Temos outros projetos também além do da horta que é o projeto este Rio é meu, tudo que envolve sustentabilidade e todos os projetos da escola passam por lá porque sendo professores que trabalham interdisciplinarmente acaba tendo um envolvimento nestes trabalhos juntos com eles. (Professora, entrevista cedida para autora, 2024)

Diante desses relatos, constatamos que há necessidade das escolas, que estão em territórios de risco, de serem olhadas com mais empenho pelos governantes. Que se faz necessário uma nova maneira de ensinar e de desenvolver o desejo em aprender, por parte dos estudantes. Portanto, as escolas precisam transformarem-se e adequarem-se a nova realidade do estado do Rio de Janeiro.

6.1 A Educação e as novas formas de educar – Ginásio Experimental Tecnológico

As entrevistas realizadas com o diretor e a professora nos permitiu entender como funciona um projeto de Escola Nova e de que forma a escola usa as ferramentas das tecnologias hoje a favor de uma educação de qualidade e que seja uma ferramenta que produza ideias e projetos capazes de transformar os ambientes escolares em ambientes agradáveis. O período da pesquisa nos permitiu problematizar várias questões relacionadas tanto ao desenvolvimento educacional, quanto a atuação da escola nos territórios de vulnerabilidade sociais. A entrevista nos permitiu também entender como uma educação diferenciada pode transformar as realidades de uma escola.

Em uma das visitas realizadas a escola foi permitido acompanhar um dos projetos que está sendo desenvolvido pela escola para a horta urbana. No dia da visita a professora de Ciências estava com a turma do 7º ano na sala do Colaboratório desenvolvendo a aprendizagem para dar seguimento a horta que a escola está produzindo. Como teve o período das férias, ouve uma desaceleração no projeto e que teve sua retomada agora no início das aulas. A professora estava apresentando para os alunos os conceitos e exemplos de

como transformar as “sobras” dos legumes e frutas da escola em composteira para agregar na produção dos alimentos da horta sem nenhum uso de defensivos agrícolas (Figura 8).



Figura 8 – Aula sobre aproveitamento de resíduos de alimentos

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2024.

A foto acima é da sala do Colaboratório quando estávamos assistindo um vídeo de como realizar a coleta corretamente dos dejetos reaproveitáveis da cozinha da escola e de como realizar o uso da compostagem dos insumos posteriormente.



Figuras 9 e 10 - Aula sobre reconstrução da horta escolar

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2024.

Nesta foto já estamos do lado de fora da sala apresentando aos alunos a situação atual da horta que no momento está em processo de reconstrução devido ao período que ficou sem cuidados por conta das férias (Figura 9). Mas já há no local (Figura 10) uma sementeira com

diversas espécies de temperos que serão reutilizados na cozinha da escola. Foi observado durante toda a explicação tanto dentro da sala do colaboratório quanto na área externa da escola onde possui o projeto já sendo desenvolvido da horta, um interesse parcial das crianças. Uma boa parte dos alunos se mostrou interessada nas explicações da professora, uma vez que estamos falando de crianças de 13, 14 e 15 que são nascidos em área urbana, criado com tecnologias e com produtos industrializados de fácil acesso.

Então quando uma escola inicia um projeto de horta e adapta as aulas de ciências para esta pedagogia, não temos como não configurar esta escola como uma escola que atua com uma pedagogia liberta. Pois tanto temos para os alunos os desenvolvimentos em suas características mais para robótica, engenharia e matemática. Temos também a segurança alimentar, agricultura, a sustentabilidade e o meio ambiente. Ao perceber um interesse considerável por parte dos alunos em aprender sobre meios de cuidados com plantio e natureza, percebemos o quanto a educação produz para as transformações das realidades. Conseguimos identificar nesta pesquisa a grande importância da educação diversificada nas escolas e que oportunize todas as classes a terem um acesso de qualidade e que permita que as nossas crianças sejam o futuro de uma sociedade mais justa e igualitária.

Com uma educação que atue igualmente em todos os territórios e que ela permita que nos territórios mais vulneráveis socialmente seja possível transformar uma realidade que vem se tornando “normal” como em uma das falas do diretor da escola, que nos disse que para os alunos desta escola pesquisada a violência local é uma normalidade e que não atinge com tanta brutalidade a realidade do dia a dia deles. Isso é uma questão tão agravante se partimos do ponto que estamos falando de áreas que são dominadas pelo tráfico, que negam o direito de ir e vir dos moradores, que leva vida inocentes embora, que muda o dia a dia de trabalhadores que muitos saem de suas casas para ganhar um salário-mínimo. Então quando pensamos em uma realidade que já se tornou “normal” para a população que nela reside é porque estamos vivendo em processo de transformações, mas não de avanço e sim de sobrevivência.

O Rio de Janeiro se transformou em um estado instável quando se fala em segurança pública, porque o trabalhador não sabe se sai de casa e se consegue voltar depois. Estamos vivendo uma realidade crucial para um extermínio principalmente dos grupos mais vulneráveis, pois são eles na maior porcentagem que se deslocam em meio as enormes operações que existe no estado e que muitas das vezes, como muito nos mostra os noticiários com vidas inocentes perdida e com acessos negados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo trazer a importância da educação na vida das pessoas e principalmente nos sujeitos pertencentes a regiões de domínio da criminalidade e os desafios de transformar as suas realidades. A pesquisa teve como foco principal a educação libertadora por ser uma grande ferramenta de ação para as transformações das realidades, e de que forma ela consegue atuar nos espaços onde existe uma grande segregação espacial e educacional, nos permitindo entender os principais desafios que a população menos favorecida possui em mudar a realidade que nos é imposta muitas das vezes pela grande divisão de classes e acesso as oportunidades. A pesquisa nos mostrou a grande realidade das classes sociais no estado Rio de Janeiro, se mostrando um estado extremamente desigual, com uma população sofrida com ataques a sua integridade e seu direto de ir e vir.

A nossa sociedade vive hoje um aumento acelerado quando se diz a respeito da violência urbana, que em estados como o Rio de Janeiro ela atravessa o campo da periferia e atinge toda a população. Porém, a pesquisa nos permitiu observar que a população que mais sofre com esse aumento da violência, assim como em todos os aspectos sociais, é a população vulnerável, que além de nos maiores casos possuírem suas casas em regiões onde se concentra as maiores fragilidades na segurança pública, também são as que mais sofrem com um menor acesso as oportunidades e consequentemente ficam muito das vezes com as piores moradias, as piores escolas, os piores acessos culturais e outros.

Entendemos durante a pesquisa que sim, o estado do Rio de Janeiro possui muitas escolas renomadas, com o ensino de qualidade, uma educação com uma pedagogia libertadora, porém por ser um estado tão desigual em suas relações sociais, que as classes mais vulneráveis se tornam um grande escudo humano. Quando digo escudo humano, é que é perceptível que todos os dias os acessos mais negados são aos pobres, tanto na saúde, na educação, na moradia e principalmente nas mortes pelas operações militares que como observamos na pesquisa acontecem nestes territórios com grande frequência.

A violência urbana vem atravessando os muros das escolas, trazendo cada vez mais menos segurança nas escolas, entrando nas casas da população e gerando uma sociedade refém de uma realidade que hoje entendemos que só é possível uma mudança através da educação que permita que estas realidades sejam transformadas e que as oportunidades estejam para todos. Trouxemos para fomentar a nossa pesquisa uma escola localizada em um bairro da cidade do Rio de Janeiro que possui um alto índice de criminalidade, o que nos permitiu conhecer os espaços de escola localizada nestes territórios e o que a escola consegue produzir para se manter como escola com uma pedagogia diferenciada, podendo até mesmo dizer uma pedagogia liberta e que proporciona aos estudantes uma busca nas transformações de suas realidades.

A pesquisa em campo com a escola que hoje é chamada de Get por fazer parte de uma nova educação onde aborda as novas tecnologias, nos permitiu analisar as desigualdades, as diversidades e atuação do poder público nas ações públicas de inclusão e oportunidades. Foram feitas algumas visitas a escola, com entrevistas e bate papo para conhecermos o espaço e as pedagogias educacionais. A escola possui uma ótima estrutura, bom relacionamento entre responsáveis, alunos e corpo docente. Mas isso também nos permite analisar a atuação das políticas públicas nas escolas municipais do Rio e as cidades da baixada por exemplo. Sem pontuar a distância salarial que existe entre uma cidade da baixada para bairros da cidade do Rio.

Como foi assim citado acima pelo entrevistado, a escola que foi a principal pesquisada para complementar a pesquisa, recebe alunos de todas as classes, etnia e religião. Mas também existe uma grande parcela de alunos com uma ótima estabilidade financeira e que até poderiam estar em colégios da rede particular, mas pela escola entrevistada ser de uma grande qualidade de ensino, a disputa por uma vaga na escola é bem grande. Isso nos permite mapear o quanto as oportunidades não são para todos e o quanto o nosso sistema educacional precisa de melhorias na rede pública para atender a toda a população. Observamos também a importância do educador, da sua formação, da sensibilidade de atuar principalmente nos espaços mais vulneráveis. O educador pode se tornar o grande pilar na luta por uma realidade transformada, partindo do ponto que a escola muitas das vezes se torna o ambiente onde o aluno quer ser visibilizado e ter a oportunidade de transformar a realidade dos seus e de seu território. O educador é uma ferramenta importantíssima para uma educação que liberta e que transforma.

A pesquisa na escola nos permitiu entender a atuação da educação diferenciada na rede pública e o quanto ela pode ser uma ferramenta de transformações da realidade quando se trabalhada de forma libertadora principalmente em territórios onde as liberdades são roubadas todos os dias devido à grande violência e segregação do local. É evidente que a educação libertadora em seus aspectos sociais pode se tornar um caminho de esperança para toda a sociedade, é através dela que o futuro pode se tornar uma realidade diferente do que se espera. Quando falamos de educação que liberta, estamos trazendo também, além de todas as questões das relações sociais, estamos revalidando o grande potencial de senso crítico que ela nos permite construir. Hoje no Brasil, já se ouve muito dizer sobre a educação como uma ferramenta de transformações sociais, porém, ainda estamos longe de sermos exemplo de uma educação de qualidade e acessível, por justamente existir em algumas regiões uma educação de qualidade, uma política educacional que atue, mas, ainda não são para todos.

No Brasil existe uma grande massa da população que está fora das escolas, e muitas das vezes não é por opção e sim uma realidade. Precisamos popularizar que a educação é sem dúvidas a única ferramenta possível de diminuir as desigualdades neste e em todos os países. Conseguimos identificar com a pesquisa que a escola, a educação é capaz de transformar realidade de grupos vulneráveis e torná-los protagonistas de suas histórias, principalmente se desviar das alienações existentes na atuação dos poderes públicos que são os maiores silenciadores de realidades transformadas. É claramente perceptível que a educação libertadora nos permite manifestar os nossos direitos e reivindicar ações das políticas públicas.

8 REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana T. B.; LIMA, Renato Sérgio de. O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. **São Paulo em perspectiva**, v. 13, n. 4, p. 62-74, 1999.

BOTELHO, Tiago Alberione da Silva. **A Educação Libertadora No Contexto De Hoje: Entre Exigencia E Esperança Para Emancipaçao Humana.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis – Mato Grosso, 2020.

CASA FLUMINENSE, **Mapa da Desigualdade.** Rio de Janeiro.2023.

COUTO, André Augusto A.; SOARES, José Franciso. Violência na Análise do Contexto das Escolas Públicas: Evidências da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais. **Rev. bras. segur. Pública**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 250-268, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade.** 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GAMA, Victor A.; SCORZAFAVE, Luiz G. Os efeitos da criminalidade sobre a proficiência escolar no ensino fundamental no município de SÃO PAULO. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 43, n. 3, p. 447-477, 2013.

GENARO, Erika do Nascimento. **Direitos Humanos:** Educação de Crianças e Adolescentes na Perspectiva da Segurança Pública – São Paulo, 2011.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Vanessa da Costa. **Diagnóstico e mapeamento de uma unidade educacional em área de vulnerabilidade social.** Ribeirão Preto, 2019.

LAGO, Luciana Corrêa do. **Desigualdades E Segregação Na Metropole:** o Rio de Janeiro em tempo de crise. 2. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

LIMA, Filipe Antunes. **Territorios De Vulnerabilidades Social:** construção metodológica e aplicação em Uberlândia-MG. 2016. 148f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, 2016.

MATTOS, Sandra M. N. **O sentido da matemática e a matemática do sentido:** aproximações com o programa etnomatemática. Prefácio de Ubiratan D'Ambrosio. Posfácio de José Roberto Linhares de Mattos. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020a.

MATTOS, Sandra M.N. **Conversando sobre metodologia de pesquisa científica.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020b.

MICHELATO, Luiz Henrique; RODRIGUES, Romário Rocha. **Políticas Públicas De Educação E A Lei Nº 13.935/2019: Serviço Social E Psicologia Na Educação Básica.** Disponível em: <https://doi.org/10.33872/conversaspico.v4n1.politicas>

MOURA, Renata Paula do Santos. **A quem a escola pertence? reflexões sobre as ocupações como um novo modo de produção de conhecimentos.** Recife, 2020.

NUNES, Maria de Lourdes. **Educação E Transformação Social No Enfoque Da Educação Libertadora.** 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Uberlândia, UFU.1998.

OLIVEIRA, Letícia Horn. **As políticas públicas e as práticas socioeducativas voltadas à criança e ao adolescente.** 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

PIO, João G.; BRITO, Ana Carolina S.; GOMES, Alexandre L. Criminalidade na cidade do RIO DE JANEIRO (RJ): As influências das políticas públicas e as relações a curto e longo prazos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 36, n. 106, p. 1-19, 2021.

RUOTTI, Caren. Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.1, p. 339-355, jan./abr. 2010.

SANTOS, Madson Pinto dos. **A Pedagogia Freiriana E O Processo De Humanização No EaJ:**

Trabalho, escola e cultura de paz. 2020. 124f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território). Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Araguaína, 2020.

SEBRAE/RJ2015. Painel regional: Baixada Fluminense / Observatório Sebrae/RJ. -- Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2015.

SILVESTRE, Luciana Pavowski Franco. (org.). **Políticas Públicas No Brasil: exploração e diagnóstico 6.** [recurso eletrônico]. Ponta Grossa: Atena Editora, 2018. (Políticas Públicas no Brasil: Exploração e Diagnóstico; v. 6).

SOUZA, Celina. Políticas Públicas: uma revisão da literatura1. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, p. 20-45, jul/dez 2006.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa:** pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

9 APÊNDICE

Apêndice A – Roteiro Para Entrevista com o Diretor e um Professor(a) da Escola

- 1-Quantos alunos aproximadamente frequentam a escola?
- 2- Quais ferramentas a escola utiliza para diminuir a evasão escolar, quando os estudantes passam por violências e vulnerabilidades pela criminalidade?
- 3- Quais são as maiores vulnerabilidades sociais encontradas junto ao público que frequenta a escola?
- 4- Quais os desafios encontrados para atuar em uma escola localizada em área dominada pela criminalidade?
- 5- Os estudantes expressam dificuldades em morar em área de comunidade dominada pela criminalidade? Quais seriam?
- 6- Os professores são preparados para vivenciar essa realidade? Há rotatividade de professores?
- 7- A atuação da segurança pública ou da polícia militar interfere no andamento das atividades escolares?
- 8- O bairro onde a escola está é considerado de risco? Por quê?
- 9- A escola adota metodologias ou projetos com proposta para ser uma escola transformadora?
- 10- A escola tem influência na vida dos estudantes que buscam um futuro melhor? De que maneira?
- 11- Como trazer para as comunidades periféricas as mudanças na expectativa de vida dos estudantes com um crescimento cada vez maior da violência urbana?
- 12- Poderia relatar como os estudantes, cujos responsáveis não possuem escolaridade, apresentam seus desempenhos escolares? É relatado alguma dificuldade?
- 13- Como é a estrutura familiar da maioria dos estudantes? Esses responsáveis acompanham a vida escolar de seus filhos e filhas?
- 14- A escola possui algum tipo de laboratório? Se sim, quais os tipos de atividades são desenvolvidos nele?

10 ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Campus Seropédica

Instituto de Agronomia

Departamento do Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada "A educação como prática libertadora em territórios de vulnerabilidade". O objetivo desta pesquisa é analisar de que maneira a educação, como prática libertadora, pode transformar a vida de crianças e jovens que convivem com a violência e a criminalidade em ambientes de vulnerabilidade social.

O (a) pesquisador(a) responsável por esta pesquisa é Angélica Costa Barreto ela é Mestranda do Instituto de Aeronomia do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Você receberá os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo, em favor de não o identificar(a).

As informações serão obtidas da seguinte forma: Será elaborado um roteiro de entrevista onde será entrevistado o diretor da escola, coordenador pedagógico. A metodologia que será utilizada nesta pesquisa tem abordagem qualitativa com pesquisa de estudo de caso. A entrevista terá duração de máximo 2 horas, buscando identificar de que forma a escola atua na educação pedagógica com os alunos que moraram em comunidades os redores, que convivem diariamente com as operações militares e identificar os resultados impactantes que estas operações causam na escola.

A sua participação envolve os seguintes riscos previsíveis: este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco que existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, constrangimento em responder alguma pergunta, invasão de privacidade, desconforto em responder algumas perguntas. Caso você se sinta constrangido em responder alguma pergunta, você não precisará responder. O participante terá direito a indenização, através das vias judiciais, diante de eventuais danos comprometedores decorrente da pesquisa. Sua participação poderá ajudar a conhecer os anseios da comunidade além de mapear o espaço, analisar o que a violência de território pode estar causando e afetando diretamente aos estudantes. A sua participação pode ajudar os pesquisadores a entender melhor forma será possível entender o papel do processo educacional nestas regiões segregadas pela criminalização. Podendo ou não trazer para a pesquisa os problemas mais visíveis da população em relação a educação como uma ferramenta que produz novos caminhos para a mudança destas realidades.

Você está sendo consultado sobre seu interesse e disponibilidade de participar desta pesquisa. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará penalidade alguma.

Seropédica/Departamento de Programa de Pós-graduação em Educação
BR 465, 7. CEP 22.897-000. Seropédica/Rio de Janeiro
Telefone: (21) 26814749 - e-mail: eticacep@ufrj.br

Documento assinado digitalmente
ANGELICA COSTA BARRETO
Data: 24/01/2024 10:35:36-0300

1. (dofa) Participante da Pesquisa



Você não será remunerado por ser participante da pesquisa. Se houver gastos com transporte ou alimentação, eles serão resarcidos pelo pesquisador responsável. Todas as informações obtidas por meio de sua participação serão de uso exclusivo para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável. Caso a pesquisa resulte em dano pessoal, o resarcimento e indenizações previstos em lei poderão ser requeridos pelo participante. Os pesquisadores poderão informar os resultados ao final da pesquisa. Os dados coletados nesta pesquisa serão utilizados para escrita da dissertação e poderão ser utilizados apenas para academicamente em encontros, aulas, livros ou revistas científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida com relação à pesquisa, entre em contato com o(a) pesquisador(a) através do(s) telefone(s)(28) 99995-3774, pelo e-mail costadossantos24@gmail.com, e endereço profissional/institucional Rua Jeanete 391, Banco de Areia Mesquita- 26574084, Rio de Janeiro.

Este estudo foi analisado e aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o registro CAAE _____ (inserir o número do CAAE, disponibilizado a partir da aprovação do projeto pelo CEP). O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir o bem-estar, a dignidade, os direitos e a segurança de participantes de pesquisa; bem como assegurando a participação do(a) pesquisador(a) sob os mesmos aspectos éticos.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, situada na BR 465, km 7, Seropédica, Rio de Janeiro, pelo telefone (21) 2681-4749 de segunda a sexta, das 09:00 às 16:00h, pelo e-mail: eticacep@ufrj.br ou pessoalmente às terças e quintas das 09:00 às 16:00h.

No caso de aceitar participar da pesquisa, você e o pesquisador devem rubricar todas as páginas e também assinar as duas vias deste documento. Uma via é sua e a outra via ficará com o(a) pesquisador(a).

Para mais informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a **Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa** elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), disponível no site:

<http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/>

[Cartilha Direitos Participantes de Pesquisa 2020.pdf](#)

Consentimento do participante²

Seropédica/Departamento de Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola
BR 465, 7. CEP 22.897-000. Seropédica/Rio de Janeiro
Telefone: (21) 26814749– e-mail: eticacep@ufrj.br

Documento assinado digitalmente
ANGELICA COSTA BARRETO
Data: 24/01/2024 10:38:00-03:00
Verifique em <https://validar.ri.gov.br>

bolica do(a) Participante da Pesquisa



TERMO DE ANUÊNCIA
INSTITUCIONAL - TAI

Eu, MÁRIO JORGE PEREIRA DE SOUZA, na condição de DIRETOR IV, matrícula número 11/233 981-0, responsável pela GET COELHO NETO 22.06.009, manifesto a ciência, concordância e disponibilidade dos meios necessários para a realização e desenvolvimento da pesquisa intitulada "A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA EM TERRITÓRIOS DE VULNERABILIDADE" na nossa instituição. A instituição assume o compromisso de apoiar a pesquisa que será desenvolvida por ANGÉLICA COSTA BARRETO, sob a orientação do(a) SANDRA MARIA DO NASCIMENTO MATTOS PROFESSORA, PROFª DOUTORA IFRRJ, tendo ciência que a pesquisa objetiva ANALISAR DE QUE MANEIRA A EDUCAÇÃO, COMO PRÁTICA LIBERTADORA, PODE TRANSFORMAR A VIDA DE CRIANÇAS E JOVENS QUE CONVIVEM COM A VIOLENCIA E A CRIMINALIDADE EM AMBIENTE DE VULNERABILIDADE SOCIAL.

A instituição assume o compromisso de que a coleta dos dados estará condicionada à apresentação do Parecer de Aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa, junto ao Sistema CEP/Conep.

Atenciosamente,

RIO DE JANEIRO 21 de SETEMBRO de 2023.

MÁRIO JORGE PEREIRA DE SOUZA

MÁRIO J. P. SOUZA
DIRETOR IV
Mat. 11/233981-0



Modelo baseado nas Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e 580/2018 e nas Cartas Circulares 0212/2010 e 122/2012 da Conep.

Scanned with CamScanner